



Stênio Gardel

A PALAVRA
QUE
RESTA



COMPANHIA DAS LETRAS

ROMANCE

STÊNIO GARDEL

A palavra que resta



Sumário

1

Raimundo

Cícero

Carta

Nuas

Te ensino

Parede

Marcinha

Cruz

Folgo impotente

2

Dalberto

Caminho

Damião

3

Poente

Imundo

Suzzanný.

Chuva

Caetana

Estrada

Creide e Alex

Pedra

Mourão de cerca

Beco

[Costela](#)
[Casa](#)

[4](#)
[Rio](#)
[Lamparina](#)
[Sombras](#)
[Deserto](#)
[Nome](#)

[*Agradecimentos*](#)
[*Sobre o autor*](#)
[*Créditos*](#)

*Para minha mãe,
Irene,
em memória e em ferida.
Para meu irmão,
Jardel,
aqui e distante.*

São muitas, eu pouco.

“O lutador”, Drummond

Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, têm a espessura de montanhas.

São as palavras que nos contêm, são as palavras que nos conduzem.

“Húmus”, Raul Brandão

Raimundo

Raimundo Gaudêncio de Freitas, traço incerto, arredio ao toque do papel. Lápis danado, domado, e ele escrevia o nome completo pela primeira vez. Setenta e um anos e essa invenção, como ele diz, de aprender a ler e escrever depois de velho. Raimundo não foi difícil. Complicado era Gaudêncio, denso de saudade, as cinco vogais e acentuado. Freitas era feito de sangue.

A vontade, tinha sim, desde menino, mas o pai lhe dizia que a letra era para menino que não precisava encher o próprio prato. Raimundo foi cedo para a lida. De noite, o braço ritmado no golpe da foice pedia descanso, que no outro dia tinha mais. O intento de aprender se rendeu à precisão. O futuro estava escrito na frente dele, era o presente do pai, pai de família, dono de um pedaço de chão, assinando com o dedo quando a palavra falada não bastasse. O que não podia ser falado, ficasse palavra muda, pensamento. Raimundo não virou pai de família nem dono de sítio. Se arrancou as raízes, levando no bolso da camisa a carta.

Uma carta inteira. Uma palavra seguindo a outra, quantas palavras? Mandar carta para uma pessoa que não sabia ler, só sendo. A ponta do lápis pairou acima da linha. O próximo nome tinha escrito a carta cinquenta e dois anos antes. Ao lado do caderno, o envelope encruado, sempre fechado. Raimundo não deixou ninguém ler e envelheceu com o desejo de saber o que ela diz crescendo dentro dele. Feto idoso, rebento tardio. A carta guardava uma vida inteira.

Cícero

Escreveu ao lado do nome, o nome dele. O final era com “u”? Com “o” ficava mais bonito. Seis letras só, mas cabia tanta coisa que era pesado. Feito a cruz, começava com “c” também, como coração e cu.

Se conheciam desde meninos, nascidos na mesma comunidade. Foi aos dezessete, num forró na quadra do grupo, que os olhos cor de terra de Cícero lavraram Raimundo.

— Festa boa, né, Gaudêncio? Muita moça bonita.

— É.

Raimundo achou Cícero bonito, de uma boniteza parecida com a que via nas moças. Coração inquieto, sangue enxerido no pé da barriga. Caule plantado.

Deitado na rede, imagens buliçosas na cabeça reviravam o corpo. Corpo de homem, o dele e o de Cícero. Homem com mulher, homem com homem não prestava, as pessoas falavam disso, homem tinha que achar era mulher bonita, homem que achava homem bonito não era homem, mas era homem e achava Cícero bonito! E será que Cícero achava Raimundo bonito também? Veio foi falar das moças e dançar com elas. Os cabelos perfumados no óleo de coco, os seios macios, as pernas roliças. Cícero segurava com vontade as moças bonitas escanchadas na perna dele, roçando.

Trabalhavam os dois sozinhos, roçando as terras do pai de Cícero, dias depois. Uma chuva fina e ligeira excitou o chão. A vista de Raimundo escapulia até o corpo do outro, de peito duro descamisado, coberto de suor e poeira. Paisagem que desperta num pássaro preso o desejo de voar. Raimundo gaiola. Se Cícero percebia, Raimundo

acoitava o olhar, mas o brilho da foice lhe cortava logo a paciência, e ele de novo se afoitava a encarar o amigo, contando que a cabeça decidisse se iria querer o que o corpo queria.

— Que foi, Gaudêncio?

Eita, e agora? vai brigar comigo, espalhar pro povo todo, Raimundo baitola, Que história é essa de ficar me encarando? que que tu foi fazer, Raimundo? ele é meu amigo, vai dizer nada não, não era nada de todo jeito, Nada não.

Quis responder, não respondeu, mas respondeu. Cícero se aproximou devagar, chegou bem perto, assim, o rosto a um palmo do rosto de Raimundo, com uma mão agarrou a nuca dele, pelo lado esquerdo, perto da mecha de cabelo branco, com a outra apertou sua cintura. Raimundo não se mexeu. Se fincou nos olhos castanhos, Tateando o calor que rastilhava o corpo e dilatava as veias, sem saber onde pôr a cabeça, as mãos, os pés, o membro que crescia entre as coxas. Terra saliva línguas braços pernas bocas fome vida.

Se encontravam quase todo dia. O risco era grande. Tudo na moita. Na moita mesmo se escondiam dos outros e se mostravam um para o outro. Homem e homem, e se entendiam muito bem, se gostavam. Gosto bom mas que deixava um ranço arranhando as ideias.

Dois anos durou.

— Que porra é essa?

O pai de Cícero pegou o filho de quatro, fechou os cinco dedos da mão direita e o derrubou no chão com um soco.

Seu Nonato, ele é teu filho, a gente é amigo, cresci indo na sua casa e o Cícero vindo na minha, de um tempo pra cá a gente começou a se gostar, a gente não está fazendo mal, não, seu Nonato, precisava bater desse jeito nele não, faça mais isso não, ele é teu filho, levanta, Cícero, se levanta,

Raimundo acabou não dizendo nada, enquanto Cícero limpava o sangue do lábio com o dorso da mão.

Seu Nonato puxou o filho pelo braço.

— Levanta, Cícero, se levanta, veste a roupa e anda pra casa.

Raimundo fez que ia acudir. Parou. Seu Nonato se invocou e mostrou para ele a cara virada no cão.

— E você, seu rapaz? Deixa eu falar pra teu pai, que teu couro vai arder.

Cícero ainda olhou para trás.

a gente não devia ter ficado aqui, a céu aberto, A sombra do cajueiro é boa, Gaudêncio, mas hoje eu quero debaixo do sol, a gente se arriscou demais, isso sim, ficar aqui na beira do rio, mas na hora, na hora a gente viu que não podia ser outra hora, esse tempo todo sem se ver, sem se tocar, quando um corpo encostou no outro, foi a vontade todinha desses dez dias, conversa, foi a vontade de muito mais tempo, era a vontade da vida toda, que já passou e que ainda vai passar, que toda vez a gente sentia essa agonia boa aqui dentro, dizendo sim pra vontade e a vontade aperreando o sim do corpo, da cabeça, do tempo, e eu não podia esperar mais não, nem ele, dava não, foi por isso que vim, Cícero, tu também sente assim, mas ficou com aquela conversa de futuro, ter mulher, ter filho, se assustou, me assustou também, eu fiquei foi com uma agonia ruim aqui dentro, longe de tu, não podia esperar mais não, ia bem deixar teu juízo decidir nossa vida, aquelas palavras lá que tu me falou na última vez no cajueiro e depois foi embora, eu vim atrás de tu e agora, como vai ser? tua família vai saber, minha família vai saber, se fazia rebuliço na nossa cabeça avalie na cabeça do pai da gente, o desgosto, a raiva que vão sentir, tu sabe o que pensam de gente assim, assim como nós dois, não sabe? pensam é tudo de ruim, pior que doença, cadê minha calça? vou ter que falar com o pai, dizer o quê? e pra mãe? não tem palavra que chegue, o jeito é catar as poucas que tem e falar, vão saber mesmo, esconder mais o quê? e se a gente não puder mais ficar junto? vai dar é briga, e não é só com nossa cabeça mais não, é com a cabeça dos outros, viu? se for preciso a gente briga, que não dá mais pra ficar apartado um do outro, pra separar vão ter que cortar nós dois, na carne, ir arrancando os pedaços da gente.

Raimundo terminou de se vestir. O sol começava a se despendurar do meio do dia. Antes de deixar a areia, viu a cruz que marcava o rio e marcaria a vida dele. Pegou o rumo de casa.

Carta

Ficou de noite. Raimundo passou o dia soltando palavras, perdeu a hora da aula. Foi bom, para não esquecer as letras, como disse a professora, tão nova, tão inteligente, Ana, o nome dela, mais fácil que esse não tinha, será? Mas encheu mesmo as folhas do caderno foi com seu nome, sua assinatura. Daqui a pouco, assinatura também. E iria trocar de identidade. Era homem que sabia assinar o nome. Dava gosto ter isso no documento. Dava gosto ter isso nele, agora que conseguia colocar as palavras para fora, porque dentro elas alvoroçavam a cabeça, engasgavam a goela. Não podia mais ficar assim. Tinha que lhes dar um corpo próprio, só delas. A professora Ana disse que ele conseguiria. Foi se arrumar para a aula. Eram três noites da semana na escola do bairro. Raimundo e mais onze.

Primeiro dia, caderno, lápis preto e uma borracha branca. Costurou uma camisa nova, para se despir de uma vida estranha ao verbo escrito, à carta de Cícero. Meio bendita, meio maldita, inteira mistério. Ficou olhando para ela bem uma hora, depois que chegou da viagem à casa do interior. O pedaço de papel que era alumbramento e escuridão, o fundo de um poço. Tinha se acostumado a viver com essa pedra amarrada ao calcanhar, mas agora, de fôlego suficiente apenas para o próprio corpo, ou se afundava com ela ou partia a corda.

Ele chegou na escola ainda de tarde.

— Onde é a aula do idoso?

Uma senhora que varria o pátio indicou o caminho. Na sala, sentou numa cadeira próximo da porta. Podia desistir, sairia devagar, sem ninguém ver, antes de começar a aula.

Que invenção, Raimundo! e tu ainda consegue aprender alguma coisa? quanto mais ler e escrever, nessa altura da vida a gente tem que sonhar baixo, que a mente não alcança, nem o corpo, se tinha saúde, só a pressão um pouco alta e essa dor nas costas mas os braços e as pernas obedecendo, estava bom, e a cabeça sem esquecer também, as pessoas de ontem e de hoje, mas mesmo depois de velho parece que a gente não deixa de querer, o bom da vida é teimar,

Dona Teresinha, vizinha de Raimundo, entrou na sala apoiada numa bengala. Artrose, artrite, uma dessas que dá nas juntas.

— Raimundo, e tu nem me disse que vinha?

— Foi mesmo, decidi na última hora.

— Mas decidiu. Que bom!

E se acomodou numa carteira, o alívio do peso nos ossos num Aaaai.

mais teimosa que tu,

— O seu Mário, do bar, também vem. E o Tonho, lá da feira? Vem com o filho, aquele que anda de cadeira de roda.

— E tem gente nova?

— Esse filho dele deve ter mais de quarenta.

— Ah, sim.

Os alunos foram chegando.

— Meu menino quando era novo vivia na rede, se lembra, filho? Não tinha a cadeira, hoje dá pra vir, trazer ele, pediu muito, aí acabei vindo também, pra ajudar com ele.

— Casei cedo, meu marido era um bicho, nem sabia, nem me deixava estudar. Quis proibir até minha filha, desgrça. Eu, tudo bem, eu dizendo, mas minha menina vai estudar sim, e se tu inventar de se meter vou embora com ela e tu morre de fome, que não sabe ferver a água do café. Morreu foi de ruim mesmo, infartado, quero ver me proibir agora, infeliz.

— É, é bom a gente poder ler.

— É importante, dá oportunidade, qualquer trabalhozinho exigindo escola.

ruim demais não saber, é quase ser cego podendo enxergar,

A noite começou bem, a conversa distraiu a dúvida de ficar. Professora Ana na sala.

Se quiser, dá pra continuar depois, fazer o ensino fundamental, o médio, até a faculdade, Quero tanto não, professora, Venha mesmo, viu, seu Raimundo?, e eu vim, tem mais jeito não, ou vai ou racho, agora, um pedaço pra cada palavra da carta.

Um revirado no estômago, memórias revoavam diante dele. A carta, Cícero, o pai e a mãe mortos, os dias no sítio, as vezes em que tentou estudar, as marcas nas costas, a cruz. Apertou o lápis com a mão. Sobre o caderno infantil, a pele trincada, como o leito de uma lagoa que secou. Um desalinho familiar. Que que tinha um caminho fora do lugar? E essa estrada, precisava seguir, tinha decidido na noite depois da viagem.

Nem remetente nem destinatário, manchado, amassado. O envelope em tempo de partir, como estaria a carta? As letras ainda carregavam o vigor do braço de Cícero, o vigor com que ele abraçava Cícero de volta? A carta separava e ligava a vida dos dois. Palavra danada! Era a voz do fim, eco de passado não vivido. Se tivesse brigado mais, se. E era o último elo com Cícero. Sopros de sonho arrepiando a nuca, a realidade lambendo o desejo. Tu quer aprender a ler e escrever, Gaudêncio? te ensino.

Raimundo dobrado pelas promessas beijadas. A carta dobrada dentro do envelope, o envelope dentro de uma caixa de sapato, a caixa de sapato debaixo da cama. Dormiu nu.

Nuas

Nas peles nuas, a saliva dos beijos e o suor dos abraços irrigavam, dentro deles, raízes fortes, de agarrar as tripas e o que mais tivesse dentro. Até a alma. E as raízes faziam das veias seiva e cresciam pelos poros como galhos trepadeiros em direção ao sol. Quando se tocavam, se engarranchavam e viravam uma planta só, com flor que se abria sobre o peito. Papoula amarela de cálice cor de sangue.

Não podia ser contra a natureza então que eles pudessem viver juntos, crescer num só. Raimundo e Cícero. Não. Gaudêncio e Cícero. Só Cícero que o chamava pelo segundo nome.

— Ah, só conheço tu com esse nome.

— Todo mundo me chama é de Raimundo mesmo, acostumei.

— Está calado, Cícero.

Os dois deitados sob a copa fechada do cajueiro, o sol espreitava entre as folhas. Cícero abraçava Raimundo pelas costas.

— Engraçado esse canto de cabelo branco que tu tem, o resto do cabelo preto.

— Nasceu assim.

— É bonito.

Um beijo no pescoço, Raimundo se contorcia, destorcendo os nós que lhe vinham à cabeça quando ficavam juntos, pensando que era coisa errada o que eles faziam. Sei que é bom pra mim e pra ele, e conheço Cícero faz tempo, mas quando a gente era mais novo não pensava que isso podia acontecer, pensava? aquela noite, a gente tinha

o quê? doze anos? olhei pro meu lado, Cícero tinha se deitado no chão do barraco, o braço dobrado pra apoiar a cabeça, pelo nascendo no sovaco dele, as costelas feito catabil de estrada e a barriga esticada de um jeito que desencostou do calção, ele pegou no sono ligeiro, e eu também, aquele dia foi puxado, desde madrugada, ele foi acordar minha casa, batendo nas janelas e gritando, Gaudêncio! Gaudêncio! Seu Damião! É a cheia!, se não fosse ele, acho que a gente lá de casa ia se levantar com a água encostando na rede, saí no alpendre, meu pai e Cícero olhavam a estrada desaparecer debaixo d'água, meu pai disse que ela vinha devagar porque se espalhava muito, aí corria devagar, mas não podia arriscar de ficar em casa, fui acordar minha mãe e minha irmã, e quando voltei, Cícero contava pra ele que seu Nonato tinha colocado umas coisas em cima da mesa, outras em cavalete improvisado, E disse pra eu vir avisar o senhor, Obrigado, Cícero, e agradece teu pai, eu prestava atenção era na água que ia se derramando, quase pegando na cerca, percebi Cícero me olhando e depois falando pro meu pai que podia ajudar a gente, porque na casa dele tinha muito homem pra botar força, em casa era só eu, meu pai, minha mãe e minha irmã, e meu pai também sabia que precisava de mais homem, foi lá no sítio do Januário avisar da cheia e chamar dois dos filhos dele pra ajudar, mas antes de ir, falou pra eu subir no sótão com Cícero e ir arrumando o que desse, só deu mesmo cadeira, trouxa de roupa e rede, panela, o rádio, foi só coisa pequena que nós dois conseguimos subir, deixamos um espaço pra máquina de costurar da mãe, era pesada demais pro nosso braço, E teu pai disse pra onde vai, Cícero? Disse que o jeito era ir pra rua, que lá era mais alto e mais longe do rio, a gente desceu do sótão, a água encostava no batente da área, meu pai e os filhos de seu Januário colocaram a cama e a penteadeira da mãe em cima da mesa da cozinha, a máquina no sótão, a outra cama menor ficou pendurada em corda amarrada nos armadores da sala, meu pai viu o terreiro da frente coberto d'água, mandou a gente ir por dentro do sítio e fazer a volta pelas terras do Januário pra chegar na estrada, foi todo mundo, só ficou ele, mas quando olhei pra trás e vi que a água tinha coberto o alpendre e já estava entrando na sala, decidi voltar, disse pra minha mãe continuar com a Marcinha que eu ia ajudar o pai, Cícero voltou comigo, eu disse pra ele ir pra casa pra ficar com a família, ele respondeu que o pai dele

sabia que estava com a gente, depois encontrava todo mundo, entramos de novo em casa, a água já tinha alagado a cozinha, meu pai fechava a porta da frente, Eu não mandei você ir com tua mãe, Raimundo? Voltei pra ir mais o senhor, Teimoso, bom de peia, eu e Cícero fomos passar trave nas janelas, a água dava no joelho quando saímos, olhei pra trás, Devia ser bom morar numa casa dentro do rio, em frente à casa do seu Januário tinha um caminhão carregado de gente, a família do Cícero toda lá, Rio traiçoeiro, Damião, queria engolir o povo todo na calada da noite, Mas já vai perdendo força, Nonato, perguntei pro meu pai pra onde a gente ia, era uma praça, perto da rua, como Cícero tinha dito, de tardezinha a gente chegou e se ajeitou numa barraca de lona, minha mãe estava esquentando a água da sopa numa trempe no chão, nós dois esperando, nem almoçado a gente tinha, mas o cansaço era maior, Tu acha que a cheia vem até aqui, Gaudêncio? O pai falou que não, Se ela chegar, dessa vez tu me acorda, e ele se deitou, fiz o mesmo e peguei no sono antes da janta.

E essa mania de desafundar memória velha? e uma vai puxando a outra, só atraso isso, de ficar lembrando, acaba se esquecendo do mundo, olha aí, vou me atrasar, tem jeito não, tem não, que tem lembrança que parece noda de caju, fica na gente nem que você não queira, enublou minha cabeça, sim, se a gente devia continuar se encontrando, mas em Cícero, tinha era tismado o discernimento dele.

— Está calado, Cícero.

Estava, mas desatou a falar.

— Tu não acha que é errado isso? Passar o resto da vida assim? E quando tu ficar mais velho e eu ficar mais velho, casado com filho e com isso escondido? E quando tem gente perto, tem que ficar vigiando pra não olhar como quer olhar, não falar como quer falar. Tu não pensa nisso não, hein, Gaudêncio? Não pensa?

— Será se a gente não pode viver junto, sem casar com mulher?

Cícero se levantou, começou a se vestir.

— Ficou besta?

— Tu vai pra onde, Cícero?

— Vou pra casa, tu fica aí com essa conversa, melhor eu ir pra casa.

Raimundo ficou só.

De noite, se encontraram na farinhada do seu Januário, mas mal se cumprimentaram, Cícero se escapulia no meio das rodas de homem. Depois de dez dias sem se falarem, Raimundo teve que ir na casa dele.

— E o Cícero, seu Nonato?

— Foi pro rio, Raimundo.

— Por onde?

— Perto da cruz. Ô menino afoito.

Raimundo correu para o rio. Queria ver ele escapar agora.

Só a cabeça de Cícero acima da água. Raimundo foi deixando a roupa na areia. Cícero viu.

— Vai fazer o quê?

— Ficou besta?

— Fique aí, Gaudêncio, estou nu.

— E que besteira é essa? Fique aí, tu.

— E se alguém aparece?

Um de frente para o outro. O rio correndo por eles. O mundo, lá, a rodar em torno deles. Raimundo girou o corpo e se encaixou no peito de Cícero, que o amarrou com os braços de pouca carne. O queixo largo, de barba mal formada, se aninhou no ombro de Raimundo. Olhares pareados buscavam a nascente. Eles arquearam as costas, dobraram as pernas em direção ao torso e mergulharam nas águas antigas do mundo, no líquido embrionário do homem.

A mão sobre o lado esquerdo da nuca. Isso é hora de ficar pensando nessas coisas? apressa o passo, Raimundo. A aula era sobre os documentos que a pessoa usa. RG, certidão de nascimento, carteira de trabalho, certidão de casamento. Não queria perder nem um minuto, que na outra semana, ou na outra, dependendo de como estivesse a assinatura, iria no cartório trocar a carteira de identidade.

Te ensino

Sabia assinar, não tinha motivo para ficar com o documento só com a marca do dedo e ainda um carimbo vermelho, analfabeto. Tinha que trocar, que ele era outro. Saber ler e escrever estava fazendo isso mesmo. Raimundo Gaudêncio de Freitas no papel. Alfabetizado. Palavra das grandes, tem “a” e “z”, a primeira e a última. Alfabetizado sabe do “a” ao “z”, mas escrever o nome é mais que saber as letras. Tinha que juntar uma na outra e se juntar a elas. Só assim faziam do nome completo mais que letras, todo ele, de “a” a “z”.

De manhã, antes de sair, foi pegar a certidão de nascimento, que estava dentro da caixa de sapato, debaixo da cama. Viu logo o envelope com a carta, coberta de poeira, enterrada, enterrada viva. Será que dava para ler? Ele já lia umas coisas. Nome de rua, linha de ônibus, mercadoria de supermercado. Duas ou três palavras juntas. A carta tinha mais, muito mais. Podia ler algumas, mas o sentido ia ficar todo furado, furando a cabeça até o dia em que pudesse ler de verdade, dava certo não. Já tinha esperado tanto tempo, valia a pena estudar mais um pouco. Só para garantir. Colocou a carta ao lado, em cima da cama. Dentro da caixa, o retrato dos pais e o certificado. Desdobrou com cuidado a folha grossa, toda vincada, um furo bem no centro. Certifico, Nascimento, Município, e pela primeira vez os nomes dos pais, inteiros, Francisco Damião de Freitas e Maria Caetana Lopes de Freitas. Ela que quis esse nome, Gaudêncio. Era o nome de um médico que salvou sua irmã de morrer tísica.

— Vai ter nome de médico, sim, um nome desse!

Palavra de Caetana não se discutia. A história era que o pai queria Raimundo Pedro. Teve que se contentar com Raimundo. Acabou que nem a mãe o chamava de Gaudêncio.

Devolveu a carta e o retrato à caixa e saiu. Tinha combinado de encontrar dona Teresinha, seu Tonho e o filho, para tirar os quatro a identidade nova e mostrar aos colegas e à professora. E Suzzanný também ia, para colocar o nome dela de verdade, que não era Francisco das Chagas de Oliveira nem Chico. Era Suzzanný Dinamarka. Ia deixar o de Oliveira, porque também, né?

Primeiro, dona Teresinha, reclamando das dores nas juntas dos dedos na hora de segurar a caneta eletrônica. Não escrevia direto no papel, o moço explicou.

— É no computador e o computador imprime no papel, entendeu?

— Entendi, sim, senhor.

Com dor e tudo, a assinatura dela saiu até aprumada. Depois seu Tonho e o filho e Suzzanný.

— Su-zza-nný, dois zês, dois enes, “y” acentuado no final, Dinamarka, com “k”.

— E o resto, Suzzanný?

— Pera, Raimundo! Ave, bicha enxerida! De Oliveira, bote aí.

Ela gostava que só desse sobrenome.

Raimundo esperou um por um, sem se avexar, mesmo tão perto, a poucas letras de tocar o sonho instantâneo.

É difícil, Cícero, ler e escrever?, ele respondeu que não era muito, talvez quando se é novo, criança, tu ia se lembrar onde a gente estava? do que aconteceu aquele dia? Mas parei antes de terminar o quinto ano colegial, Mas deu pra aprender a ler e escrever? Deu, e eu quis saber de novo como era na escola, ele disse que era bom, tinha que estudar, era ruim fazer dever e prova, mas dava pra brincar também, ele sabia que eu tinha tentado estudar, o grupo era longe, tomava muito tempo pro pai ir me deixar e me buscar todo dia, e ninguém que morava perto da nossa casa ia também, quando a Marcinha começou, eu que levava e trazia ela todo dia, e fiquei indo até ela poder ir só, pedi pro pai pra ficar na escola também, mas ele disse que precisava de mim na roça,

que eu já tinha idade de ajudar, e todo dia eu via o grupo quando ia deixar e buscar minha irmã, via e voltava, trabalhava e voltava e via de novo, e o estudo foi passando por mim desse jeito, a vontade tão perto, a escola se aproximando e se afastando, um dia eu falei pro pai que ia pra aula da noite, que tinha pra aluno atrasado, ele brigou, disse que não precisava disso, que eu tinha era que cuidar do sítio, não queria deixar, mas eu fui, porque eu queria muito saber as letras, como era, mas eu ficava cansado demais na aula, e chegava tarde da noite em casa, pra acordar cedo no outro dia, fraquejei, foi, queria, mas não aguentei, nem naquele ano nem no outro, o pai, ele não sabia nem assinar também, Tu quer aprender a ler e escrever, Gaudêncio? te ensino.

O documento esverdeado nas mãos grossas, cheias de ranhuras e cantos. Mãos que talvez merecessem um descanso, é verdade. O tanto que fizeram. Mas por quê? Se tinham força para agarrar mais, viver mais? Então que fosse! E se adaptaram que foi uma beleza à nova tarefa. Era o possível mais certo, o encontro mais interessante, esse, a mão, o lápis e a folha de papel.

Parede

Já tinha apanhado antes, quando era menino. Só peia de menino mesmo, como no dia que inventou de subir num bezerro, querendo montar. E tinha sido um bezerro do pai de Cícero, que até o desafiou.

— Deixa de ser medroso, Gaudêncio, depois de tu, eu vou.

Raimundo escanchou, e o bicho começou a pular, dando coice, querendo expulsá-lo de cima como se ele fosse uma mosca gigante. Quando se viu, tinha agarrado o pescoço do bezerro, mas não segurou por muito tempo. Caiu se aparando no braço. Precisou entalar e tudo, foi uma trabalhadeira. Depois, o pai lhe bateu. Para deixar de ser traquino! No outro dia estava bonzinho, só o braço desmentido. Tinha até vontade de montar no danado do bezerro de novo.

Nisso a peia vai ser igual, que eu ainda tenho é vontade de ver Cícero, mais vontade, mas o pai está diferente, é diferente o que ele quer tirar de mim, que o que tenho com Cícero não é traquinagem de menino, é vida de homem, de homem formado, com pelo no peito e no saco, ele viu isso, viu que era coisa séria, seu Nonato não perdeu tempo de vir enredar pro pai, Que história é essa que o Nonato me contou, Raimundo? Pra mim e pra tua mãe? A mãe?, eu tenho que falar com ela, mas dizer o quê, se nem a pergunta do pai eu respondi ainda, não soube o que dizer, aqui dentro de casa, na frente dele, parece que o que eu fazia com Cícero era só coisa errada mesmo, isso me encheu a cabeça de um jeito que não consigo juntar palavra com palavra quando abro a boca, emudeci, que nem quando vi Cícero limpando o corte que o murro do pai abriu nele, cortou foi nossa garganta também, se eu ou ele tinha dúvida os pais sabiam era de

certeza que a gente não podia ficar junto, como é que pode? eles que sabem? nunca fui de peitar o pai, pai a gente obedece, porque pai sabe das coisas, é igual a ele que a gente quer ser quando ficar mais velho,

Seu Damião puxou Raimundo pelo braço em direção ao quarto, desfivelando o cinturão. Podia muito bem ter mandado, Raimundo iria sozinho, teria se ajoelhado com as próprias forças, a parede como horizonte, aceitando, achando certo que devia se ajoelhar e apanhar. Se deitar com homem! Era a primeira vez que o apego com Cícero saía de redor dos dois e ganhava os cômodos de casa.

ele deve estar apanhando também, além do murro, quem já viu bater num filho daquele jeito? ele pensou em parar, ficou sem falar comigo, se acostumando a esquecer, eu não, eu fui atrás, e agora ele ia levar nos quartos, como eu, o pai rondando atrás de mim, as costas viradas pra ele, mas ele não começa, me deixa esperando, que fiapo de esperança é esse? não vai mais me açoititar? esperando eu dizer alguma coisa? só arquejando, não fala nada, fica pisando de um lado pro outro, amolando o cinturão na perna da calça, preparando o braço, o quê? vai esperar mais quanto? se era errado, era errado mesmo, pai?

— Pai,

a palavra desamarrou sei lá o quê dentro dele, só sei que estava com raiva, era errado pra quem? tem gente que acha que, Cícero, Cícero, Cícero, homem fodendo homem, homem gostando de homem, é, meu pai, teu filho gosta de homem, o senhor não esperava, eu não esperava, é coisa de dentro da gente, meu pai, o de dentro a gente não vê, mas eu sinto e podia falar, o senhor não vai ouvir? por quê? só porque foi criado assim? porque é assim que tem que ser? é assim? pai enraivecido com filho? se eu falar, o senhor vai escutar? vai nada, desse jeito como é que escuta, eu, eu escuto é o cinturão retalhando meu couro, querendo rasgar meu pensamento em Cícero, meu pensamento eu escuto também, que ele resiste e está gritando aqui dentro, mais alto que se eu gritasse de verdade, e nem assim o senhor ia escutar, meu pai, mas eu escuto e escuto com gosto, porque gosto de Cícero sim, meu corpo pede é o dele sim, forte, macho, duro, montando em cima de mim.

Marcinha

Marcinha entrou no quarto e sentou no chão, ao lado da cama. Raimundo, de bruços, evitava o toque áspero do lençol.

— Não fica assim, minha irmã, daqui a pouco passa.

— Passa como, se todo dia o pai te bate?

Dezesseis dias desde que os pais descobriram dos dois. Chegava da lida, direto para o quarto. Quando a moldura de sol se apagava da janela, o contorno escuro do pai aparecia no umbral da porta. As costas ainda ardiam do açoite da véspera. Só as lembranças de Cícero, dos dias que passaram juntos, sopravam como o vento frio que traz a chuva e aliviavam o ardor. Mas, junto do alívio, aflição, que a chuva escurece o céu. Raimundo não soube nada de Cícero esse tempo todo, o que mais o pai dele tinha lhe feito, como ele estava, se estava com raiva, o que queria fazer.

— Raimundo,

Marcinha chamou, mas parou, temendo que sua fala alimentasse o animal toda língua que cuspia a ira do pai.

— Que foi, Marcinha? É a mãe? Mal fala comigo, fui conversar com ela hoje de manhã, mas disse pra eu acompanhar o pai. Ela te disse alguma coisa?

— A mãe não diz nada, nem faz nada, só deixa o pai te judiar desse jeito.

— Ela tem culpa de nada não, minha irmã.

— E o pai? Nem ele? Quando sai do quarto, chega o suor escorre da cara, o peito inchado, se alargando pra prender dentro dele uma coisa que vai crescendo toda vez que puxa o ar. Só vi ele assim uma vez, perto da morte dos gêmeos, tu lembra? Parece que estava com medo, era o medo que crescia dentro dele.

— O pai tem medo de me bater não, Marcinha.

Raimundo falou sem pensar muito, e as palavras da irmã foram caindo dentro dele como pedra jogada dentro de um cacimbão, e a gente fica esperando aquele barulho que nos diz que ela atingiu a água.

— O pai te disse alguma coisa, dessa desavença comigo?

— Disse nada, ainda perguntei, mas ele só diz pra eu me aquietar. E tu, não vai me dizer o que foi?

— Agora não.

Melhor assim. Iria falar com ela quando fosse o tempo. Tinha primeiro que saber o que ia acontecer com ele e Cícero.

— Então, Raimundo, como vou saber se devo te contar o que ia te contar?

— Deixe disso, diga logo.

— Cícero te mandou um recado.

— Tu viu Cícero?

— Foi, na saída do grupo, mas não sei se devo te dizer o que ele pediu. Isso tudo foi alguma desobediência tua e dele, não foi?

— É só um recado, a gente não sabe se vai acabar em peia.

— Brinque e ache graça, viu, Raimundo? Seja o que Deus quiser. Ele pediu pra tu ir encontrar ele amanhã de manhãzinha.

— Onde?

— No rio, perto da cruz.

No rio, perto da cruz.

— Tu vai, Raimundo? Vai não, te peço.

— Eu vou, tenho que ir.

— Teimoso tu, mas não demore, meu irmão, não demore, que o pai estranha e te caça e te acha.

Cruz

Raimundo não dormiu direito. A esperança do encontro o balançava entre o sono e uma lucidez cinzenta, quando imaginava o dia que estava para nascer. Iria para a lavoura, mesmo com as costas queimando vermelhas, como nos outros dias, obedecendo às ordens do pai. O pai prepararia a terra. Raimundo espalharia os grãos de milho e fecharia as pequenas covas. Mas as estrelas ainda se espalhavam no céu, e Raimundo fertilizou a noite de sonhos.

Iriam se ver, conversar, decidir o que fazer. Só que isso já estava decidido. Iriam ficar juntos. Ora se. Nem que fossem embora, fazer vida noutro lugar. Talvez na cidade, uns conhecidos estavam bem de vida na capital, levantando prédio, viver juntos, ninguém tinha que saber que viviam juntos. Não queria sair de casa desse jeito, mas vou fazer o quê, se ficar? deixar de ver Cícero pro pai me aceitar dentro de casa sem surra? mais difícil que ganhar o mundo se Cícero for comigo, sair de casa brigado com o pai, nunca tinha pensado uma coisa dessa, e tem a mãe, que quando eu pensava na vida a mãe estava sempre comigo e Marcinha, se intrigar da família assim é um tipo de morte.

Da última vez que despertou, brotavam os primeiros raios de sol. Saiu de casa sem acordar ninguém e tomou a estrada para o rio. O pai daria por falta, mas até lá teria algum tempo com Cícero, o tempo que precisavam. No caminho, foi pensando em tudo que tinha a dizer a ele, aguando as ideias.

Dizer que ainda gosto dele, mais que antes, não ia desistir, e chamar ele pra ir embora, Agora, Cícero, que nosso futuro junto aqui só vai durar o tempo dessa conversa, Certo, Gaudêncio, vamos sim, ele me fala, me apertando no abraço dele, e eu vou abraçar ele com força, o próximo abraço, é, é o próximo abraço que vai juntar nós dois de uma

vez, é assim que Cícero vai pensar também, tem que ser, um abraçando no outro a própria felicidade, não é isso felicidade?

Raimundo chegou no local da margem do rio onde ficava uma cruz de madeira, escurecida pelo tempo. Sentou na areia. O povo dizia que um rapaz tinha se afogado ali, mas ninguém falava quem era, e as tábuas não tinham nome nenhum. Quem a plantou não devia precisar de nomes para lembrar a vida interrompida que germinou uma cruz negra.

Raimundo esperou, por Cícero, pelo pai. A sombra da cruz encolheu para depois ir se alongando fina, funesta, até lhe tocar os pés, os planos e as palavras. Voltou a crescer dentro dele a escuridão estéril do quarto onde o pai lhe batia e o estalado do cinto a lhe lambe as costas com a fome da faca que despela um bicho.

Cícero não veio.

O rio escorria calmo e chorava seu murmúrio eterno. Raimundo se levantou e olhou para o céu. As sombras o venciam também, e as estrelas ausentes deviam ter caído de lá e virado os grãos de realidade sob seus pés.

Folgo impotente

— Raimundo!

Raimundo se virou, deixando o rio às costas. Olhou logo para as mãos do pai. Eram só dedos. De frente um para o outro, distantes como se estivessem nas margens distintas do rio. Entre eles, águas violentas dificultavam a aproximação, que só acontecia quando se afogavam os dois, no esforço desnaturado de bater no filho e apanhar do pai.

Muito me admira o senhor não ter puxado o cinto ainda, vai conversar dessa vez? por quê? viu que surra não vai dar resultado? se fosse eu não tinha vindo aqui encontrar Cícero, tinha? tinha nada, pai, e o senhor ia olhar pra mim como antes? ia falar comigo como antes? eu estou mesmo tão diferente assim, pai, que o senhor parece que não está me vendo?

Nada disseram por um tempo comprido. Raimundo decidia se estava na hora de enfrentar o braço do pai com suas palavras. Seu Damião mirava a cruz.

Foi o filho quem veio ao pai.

— Vim encontrar Cícero.

— De novo com isso?

— Isso o quê?

— Essa coisa de se deitar com

— Tem coisa aqui não, tem é gente, eu e Cícero.

— Gente torta.

— E o senhor vai me endireitar com o cinturão?

— Se for preciso, Raimundo.

— Até quando? Porque ainda sou

— Cala a boca. Não se chame disso.

— Disso o quê?

— O que esse povo imundo é.

— Viado?! Fresco?!

— Raimundo!

— Baitola?!

— Cala a boca!

pai,

— Um dia, um dia, vai cicatrizar em tu que isso só vai te levar é pro fundo de um rio ou pra debaixo da terra.

— Pai,

— Se não sou eu a te botar lá, é outro, os outros que vão te enterrar, mas antes tu vai se enterrar em tu mesmo, sozinho, olhado de banda, andando escondido,

ninguém tinha que saber que viviam juntos,

depois o mundo te enterra também, porque é isso que acontece com esse tipo de pessoa.

— O senhor vai me bater até me botar numa cova?

— Não, Raimundo, não, tu acha que eu sou capaz de matar alguém? Quanto mais meu filho? Tu é meu filho, o que estou fazendo é pra te tirar do caminho da morte.

— Que morte, pai?

— Eu tiro essa coisa de você, antes que ela lhe tire de mim.

— O senhor que está me afastando do senhor.

— Escute teu pai, Raimundo, que eu já vivi o suficiente pra saber o que acontece com a pessoa que se desvia desse jeito, anda só, escondido, vigiando as vergonhas.

— O pai está falando de quem?

— Tu não vê que está andando por onde não deve ir, pra onde só tem desgraça, desgraça pra nossa família, Raimundo.

— Pois não é por muito tempo não, vamos se embora.

— Se embora pra onde? Cadê o Cícero? Cadê ele? Veio? Nem veio? Nem ele.

— Ele deve ter

— E vai viver de quê, Raimundo? Não tem estudo, não tem parente que dê acolhida, piorou sendo desse jeito. Ou tu acha que o povo dos outros cantos, da capital ou dos infernos, vai te tratar diferente? Meu filho,

imundo,

isso passa, tu fica mais velho, conhece uma moça bonita, moça bonita,

casa, me dá neto. Se apruma na vida, Raimundo. Vive de peito aberto, sem nada pra esconder, sem dar razão pra ninguém te chamar de nada nem te fazer nada.

— O pai acha que vou dar trela pra gente que nem conheço? Eu ainda me importo com o que o senhor pensa de mim porque dói no peito, mais que nas costas, quando vejo que sou pro senhor ofensa tão grande, meu pai, mas um qualquer, se vier com desaforo, vai ouvir também, e se cismar de me bater, sei me defender. Gosto de homem, mas não deixei de ser um.

Seu Damião se calou. Procurou a cruz, quase apagada no escuro em redor. As palavras do filho, um eco distante dos brados de Dalberto. Foram as palavras que os levaram, o irmão e o pai, ao desespero. A noite clareou num relâmpago.

A areia chamejava sob o sol. Damião viu seu pai na margem do rio solene onde jazia Dalberto. A água em volta, o poço escuro, o fundo sem corpo, o folgo impotente, a superfície clara, o ar... Olhou para a areia e se viu, de pé, assistindo à agitação da água. A correnteza estava levando agora Raimundo. Para longe, para longe dos gritos de busca, para longe das braçadas insuficientes, para longe do braço, alongado pelo cinturão dobrado a meio.

— Embora tu não vai!

— Pai,

E o medo indomado do pai cravou suas garras nas costas do filho. Era a última vez. Os dois sabiam. Os dois, o rio e a cruz.

imundo.

Dalberto

Por que tu nunca aprendeu a nadar e pronto, Beto? quem sabe tu tinha conseguido se salvar, mas tu parece que tinha o corpo de pedra, ficava batendo os braços, desencontrando das pernas, e não saía do canto, só fazia muito barulho e começava a afundar, e quando os pés não achavam o fundo, se aperreava logo, quanto mais se debatia, mais difícil ficava de tu deixar o pescoço fora d'água, então eu vinha e te puxava pra cima, só não na última vez, me desculpe, meu irmão, mas tu não estava mais lá, não estava, te procurei, meu irmão, Já cansou, Beto? Não sou como tu, não nasci pra nadar, Dão, sou bicho da terra, Besteira, é porque tu fica muito avexado, mas aprende, até boi, daquele tamanho, nada, Diz um que não nada, viado, será?, lá vinha tu e ainda achava graça, Ah, Dão, deixa dessa cara emburrada, tu é meu irmão, vez ou outra tu soltava uma dessa, desde aquela conversa, Não está dando certo, Damião, não fica duro, Foi nervoso, na segunda dá certo, dá certo com todo homem, Sei não, só sei, Sabe o quê, Beto?, eu era teu irmão, tu podia falar, mas ainda ficou matutando um bom tempo, estava com medo que eu ficasse com raiva se eu soubesse que era com homem que você endurecia, mas a gente era irmão, Só sei que com homem é diferente, Com homem? com homem como? que conversa torta, Dalberto! Estou só dizendo, Como é que tu sabe? e tu anda se pegando com macho? O André, filho do Cândido, Pode ir parando, pode ir parando, Tu perguntou, Perguntei, mas não quero saber, e tu não tem que ficar dizendo essas coisas, não, Dalberto, tu é macho e pronto, que nem eu e o pai, ora mais, vou pra casa, É que deu vontade, como nunca tive vontade com mulher, tentava namorar com mulher de teimoso ou de besta, porque eu já sabia, tentava porque tu ficou me empurrando, com essa história que é assim que se vira homem, eu sei,

mas gosto é de me virar pra um homem, vai esperar não, Dão? e eu vou contar pro pai!, parei, puto, Ficou doido? o pai te mata, Dalberto, Doido não, sou é muito bom da cabeça, é bom falar logo, daqui um tempo começa história de casamento, que nem tu, se entrosando com a Caetana, ele e a mãe falando de neto já, mas pra mim não vai dar certo não, vou falar logo, Pai, eu gosto de homem, ele vai ouvir, nem que não queira, desde quando o mundo só fala o que a gente quer ouvir? Tu engoliu muita água, Beto? subiu pra cabeça, A mãe já sabe, Falou o quê pra ela? Isso que estou dizendo, está ouvindo não? Tu foi importunar a mãe com imoralidade, Dalberto? isso não se faz, Ela nem brigou, chorou, me abraçou como me abraçava antes de eu contar, Quero mais saber dessa conversa não, Deixa de besteira, Damião, tu vai deixar de ser meu irmão por causa disso?, calei, e tu devia ter se calado na frente do pai, mas tinha era a cabeça mais dura que uma pedra, Pai, quero falar um negócio com o senhor, Nada não, pai, Fica quieto, Dão, eu não sou igual o Damião, nem igual o senhor, não gosto de mulher, gosto de homem, Que desaforo é esse na minha mesa, Dalberto?!, e o pai se levantou ligeiro, chega derrubou o tamborete, eu sabia, mas tu não me escutou, Beto, Que brincadeira sem fundamento é essa? e fica no seu canto, Damião, senão vai apanhar também, depois de velho, os dois, responde, Dalberto! Solta ele, pai, Fica quieto, Dão, estou só falando a verdade, meu pai, porque sou teu filho, gosto de homem mas não deixei de ser um, tenho vontade de mulher nenhuma não, me deitei foi com homem, o filho do seu Cândido também é assim, Pega aqui no meu também, André, falei pra ele, Cala a boca, Beto, e a mãe começou a chorar e tu começou a chorar quando olhou pra ela, Viu o que tu fez com tua mãe, Dalberto? e fica aí, Damião, e eu e a mãe ficamos, só ouvindo as chibatadas, depois o pai saiu do quarto, segurando a corda, Tua vez, Damião, anda, no outro quarto, e recebi minha parte, nem metade do que tu levou, mas o que doeu de verdade foi te ver, ver meu irmão mais novo ajoelhado, pendurado pela cabeça encostada na parede, os braços sem vida, Melhor dormir no chão que nessa rede grossa, Tu devia ter ficado quieto, Dão, Tu fez aquilo mesmo com o André?, mas tu não respondeu, foi ali que tu começou a mudar, parecia que a surra tinha te ferido mais dentro que fora, não quis mais conversar comigo direito, nem sair junto como a gente sempre fazia, do jeito que tu era, era bem pensando que o pai ia

continuar brigando comigo também, sei que tu lutava com isso, como tu lutava pra dar uma braçada bem-feita no rio, o mais incrível foi que tu acreditou que o pai podia aceitar, e toda vez que ouviu a gente insultando homem que era como tu? não é possível que tenha acreditado que era tudo da boca pra fora, porque não era, viu? era tudo verdade, a gente era tudo cheio de nojo de quem era baitola, como se tivessem o corpo coberto de chaga, tu teve muita coragem, mas ficou com medo por minha causa, não foi, Beto? não foi?

Caminho

mas tu não devia, eu sabia me virar, eu enfrentava o pai contigo, mas tu se afastou, mas não devia, meu irmão, não devia, que eu queria ficar lá, do teu lado, pra te puxar de novo pra cima quantas vezes tu precisasse, Pedi pra tu não vir se meter, Dão, eu vim só, voltava só, tu não me escuta, E tu? tu escuta alguém, Dalberto? doido que isso caia na boca do povo e chegue nos ouvidos do pai, O povo vai ficar sabendo de nada não e eu mesmo já falei pro pai, lembra não? ele se faz de mouco se quiser, Não é assim, Beto, tu sabe que não é assim, tu pensa que é fácil, ver o filho dizendo pra ele que gosta de homem? E tu pensa que é fácil pra mim, Dão? Se é difícil pra que continua, pra quê? pega o caminho mais fácil, meu irmão, Caminho fácil, caminho fácil, que caminho fácil? enganar uma moça, casar com ela, dormir com ela sem gostar, isso se eu conseguisse, só pra dar gosto pro povo? pro pai? pra você? Tu enfiou isso na cabeça, que não gosta de mulher, uma hora dá certo, encontra a mulher certa, dá certo, tem é que tentar, Tem isso não, Damião, eu sei de mim, posso não saber de muita coisa, mas de mim tenho que saber, não sei é o que tu veio fazer aqui, não ia na Caetana com o pai e a mãe falar do casamento? Ia, mas vim te procurar, aproveitei que eles ficaram lá, Foi só uma festa, já vinha pra casa, E por que não quis que eu fosse com você? Pra quê? tu ia ficar no meu calção, pastorando, ou então ia pedir pra eu não ir, Essa história tua vai mesmo é afastar nós dois, não conversa mais comigo direito, sai só, vai escondido pra canto que a gente não sabe onde é, Melhor assim, e tu também, já se aquietando mesmo por causa do casamento, E eu não te falei que por causa disso e nem do teu jeito tu não precisava ficar andando sozinho, viver sozinho, tu ainda vai ser meu padrinho ou não? Que pergunta mais besta, Dão, é claro que vou, se tu

ainda quiser, E tu vai ser padrinho do meu primeiro filho também, Vou, demais, tu levou um susto, Eita, André, se arrastando assim atrás da gente, feito cobra, Tudo bom, Damião? Tudo, André, e Beto, tu convidou o André pro casamento?, tu se assustou de novo, o André se tremeu todinho na bicicleta,

Ora, se tu é assim, então pronto, que seja, não consigo ver outra pessoa na minha frente, é meu irmão mais novo, é sim, ficar longe de tu é que não quero, não vou,

— E que admiração é essa?

— Convidei não, o pai não sabe que converso com o André ainda, me fez jurar que não ia mais falar com ele, e ameaçou contar pro pai dele. Já te disse, André, se a família da gente descobre pela boca dos outros é pior, o negócio é falar logo, e olhe que levei uma pisa daquelas, mas, ainda assim, o pai ouviu de mim, sei lá por quê, parece que a pisa doeu menos. Como é que eu ia convidar? O pai não ia deixar, nem vai deixar um negócio desse, Damião.

— E a festa não é minha? Convido quem eu quiser, e o André está convidado sim, sei que vai ser bom pra tu ter ele lá pra conversar.

— Viu, André?

— Aceito o convite, sim, obrigado, Damião.

tu vai assim na garupa, Dalberto, de banda? assim é jeito de mulher andar,

— E Caetana, Dão? Ela sabe que vou ser o padrinho?

— Claro que sabe, ora, que pergunta é essa?

— E ela soube do que aconteceu lá em casa?

— Falei sim, mas ela me prometeu não falar nem pra mãe dela.

— Então é por isso que ela está diferente comigo.

— Diferente como?

— Caetana é quieta, mas de um tempo pra cá anda mais afastada, me cumprimenta insossa.

— Isso é invenção sua, ela é quieta mesmo, fala pouco, difícil se abrir com a pessoa.

era o jeito dela, eu disse, mas não era o jeito dela,

— Então pronto, André, manda tua mãe engomar tua roupa de festa, que a gente vai pro casório do meu irmão, e vou ser o padrinho, viu?

e essa brincadeira com o André, cutucando a barriga dele, vão fazer isso no casamento? vou dizer nada não, deixa eles dois,

— Melhor tu ir, André, vai, ligeiro, pra não passar comigo na frente de casa.

eu não posso deixar tu andar por esse caminho sozinho, posso não, porque a gente é irmão, antes de tudo, como é que o pai não vê o filho? não vê, mal olha de frente pra tu e não aceita de jeito nenhum.

foi, nunca aceitou, e quando ele quis te proibir de ir no casamento, a mãe me disse que tu enfrentou ele, esticando os braços, estufando o peito, sem se caber, arregaçava a boca,

— Sou assim e pronto, meu pai! Não tem senhor, não tem Nosso Senhor que vá mudar isso, nem tem que mudar, nem quero mudar!

e o pai explodiu de novo e da explosão só restou essa cruz,

Damião

Uma cruz, botar uma cruz lá.

Ombros vencidos, cabeça pensa sob o peso do sol. Os olhos fixos na estrada não se atrevem a vislumbrar mais que um passo. Lento. Era a estrada que caminhava nele, e o mundo gira devagar. Devagar, mas uma hora traz o destino para bem perto da gente. De volta onde ele não queria estar. Nem agora, nem nas próximas voltas desse mundo. Porque o outro não voltava com ele. Ficou para trás, ficou no rio. Só que rio não fica. Sabe lá aonde levou o corpo. Ou não, talvez estivesse ainda perto, preso em algum garrancho debaixo d'água, só que não estava lá, não estava.

— Eu procurei, te procurei, meu irmão. Dizem que se afogar é das mortes mais dolorosas que tem.

O pai deles sabia que Dalberto não nadava, ainda estava aprendendo. Mesmo assim, levou o filho até a beira do rio e ordenou que chegasse no outro lado. Estava na hora, um homem naquela idade não saber nadar! Dalberto olhou para o pai, a corda na mão direita. O rio ou outra surra. Nem o pai queria outra surra, a última surra. Mandava Dalberto para o rio. Não podia ter filho que gostava de macho. A natureza do mundo que desse conta de sua natureza enviesada.

Como era açudado o rio ali! Não era lugar para aprender a nadar, Damião tinha alertado, muito fundo, com um buraco no leito. Dalberto deu os primeiros passos na água morna, e uma frieza subiu pelas pernas, pelo espinhaço, arrepiou os pelos do pescoço. Ele parou,

desejando ouvir uma ordem para voltar. Quando ia se virar, o pai o segurou pela nuca e pelo braço esquerdo. Os dois entraram no rio.

— O senhor não vai fazer isso, pai!

Dalberto tentava se soltar.

— Sou teu filho ainda, o senhor tem coragem de uma coisa dessa! Eu vou embora, deixo vocês, mas para, pai, para, pai, o senhor sabe que se o senhor me soltar aqui, se o senhor me soltar aqui, eu não volto!

Damião chegou da roça para o almoço.

— Cadê o pai? E o Beto?

Da janela do quarto, a mãe esperava a estrada. Uma reza baixa, aos ouvidos da fé, cadenciava o debulhar das contas do rosário entre dedos trêmulos.

— Teu pai vai matar teu irmão.

— É o quê, mãe?

— Brigaram feio, Dalberto inventou de peitar teu pai de novo, teu pai perdeu a paciência, pegou a corda e saiu tangendo ele.

— E foram pra onde?

A mãe lhe verteu o olhar orvalhado.

— Corre pro rio, Damião.

Damião correu, correu como se fosse sua a força que rodava o mundo. Estacou de repente quando avistou o pai, e o tempo parou com ele. O sol a pino projetava sombras murchas. O pai imóvel, com a roupa molhada, a poucos metros da superfície lisa e lenta. Damião não via nem ouvia Dalberto. A lembrança do irmão lhe devolveu os movimentos. Ficou de frente para o pai e o empurrou pelo peito.

— O pai ficou doido? Cadê Dalberto?

Em silêncio, o pai resistia a um choro escasso. Damião lhe deu as costas e rompeu a quietude premonitória do corpo do rio. Mergulhos e braçadas e gritos, a agitação enlouquecida de quem se afoga. A perturbação na água e, da areia, o pai vê é o filho mais novo se debatendo, tentando segurar a mão que pouco antes o empurrava, os braços pesados contra o peso da água, o fundo que não existia puxando o filho com uma corda, a corda na mão dele, os gritos, Pai! Pai!, esmagados pela água que invadia a boca, o nariz, cobria os olhos

vidrados na superfície. E o lençol d'água vestiu-se da tranquilidade marmórea dos túmulos.

A roupa ensopada, o peito ofegante, Damião se deixou levar de volta para casa. Uma cruz, botar uma cruz lá.

A mãe chorava no quarto.

O pai almoçava.

— Teu filho.

— Era.

e eu não tive mais você do meu lado, meu irmão, dividi a vida com um vazio, e esse vazio cresceu, me tomou inteiro, eu não tenho mais o que dividir, que meu filho foi embora e, longe de mim, está só esperando a cruz precoce dele.

— Pai.

— Oi, minha filha.

Poente

Esticador de horizontes, a professora Ana explicou que na poesia uma palavra diz muito mais do que diz, é a palavra que se estica então, isso sim, onde a palavra sozinha não vai, com a poesia vai, voa, que nem os passarinhos, passarinho que escuta de longe o silêncio que é tão alto, silêncio alto, abrir amanhecer, encolher rio, esticador de horizontes, só a palavra mesmo! e eu tenho que usar as minhas palavras pra fazer a redação que ela pediu sobre a poesia, trabalho de fim de ano, escrever tanto de uma vez só, mas precisa ser muito longo não, dez, quinze linhas, ela disse, é o que eu achei da poesia, o que eu senti com ela, nunca tinha nem ouvido poesia como essa, mas tem palavra que a gente escuta na vida que parece poesia, se as palavras se esticam e esticam o horizonte da gente, Tu quer aprender a ler e escrever, Gaudêncio? te ensino, estou aprendendo, Cícero, tu aumentou o meu poente, mas depois pintou ele de um encarnado grande demais, um encarnado encarnado demais que o pai riscou nas minhas costas, imundo, tem palavra que faz é o contrário também? encolhe e escurece a vista da gente, vermelho coagula em preto.

Imundo

Gente torta, povo imundo, foi isso que o pai lhe disse. Sujo. Não de terra, nem de lama, nem de areia e sangue como ele estava agora. Não era sujo na pele, do lado de fora. Era dentro, lá onde ele era. O ar que inspirava se tornava impuro, e Raimundo expirava podridão. Sujava a família, filho infeto, dela não devesse ter nascido. Imundice desgraçada que eu estou contaminando a vida deles, imundice que eu e Cícero fizemos, isso meu e de Cícero, que saía de nós dois e deixava a gente seberto, de enojar o mundo, Cícero nem veio, foi ele que marcou e não apareceu, me deixou o dia todinho aqui, velando essa cruz, o monte de futuro que a pessoa consegue pensar num dia, adiantou de nada, o dia todo feito besta, ele me faz passar uma dessa, o que que eu tinha feito a ele? por que ele não veio?

Será que Cícero pensava o mesmo que Raimundo pensava agora, depois de seu Nonato também lhe ferrar a marca da culpa? E como em Raimundo, a culpa lhe comia o íntimo inteiro, o ele, de dentro. Devia vir dali a imundice de que o pai falou. Do interior digerido na acidez da culpa. Então aquele Raimundo, o Raimundo que gostava de homem, era feito de restos, vômito, decomposição dos seus atos imorais. E o que sobrava? Ossos de encardida decência. Se livrar da carne que deseja? Do tutano que questiona e se rebela? Ele não sabia se o mesmo acontecia com Cícero.

E nem sabia como seria a vida sem Cícero. A vida de gente limpa que o pai desejava. Como era a vida antes de Cícero? E algum dia poderia deixar de gostar de alguém igual a ele? Dá pra não desejar, esquecer esse desejo que me suja? que eu tinha que esconder? esconder de uma vez o desejo pra não mais me esconder. Peito aberto,

abarroto da honradez de macho que fode mulher, esse orgulho que obrigava e enfeitava os olhos do pai e do mundo.

Raimundo ficou estirado na areia um tempo, na esperança de que o vento levasse os grãos, que bicavam as feridas. Quando se levantou, a lua estava alta. Pegou o caminho de casa. Devagar, para que pressa de andar para trás?

Avistou uma mancha de luz no alpendre. Quem esperava? O pai? Queria mais o quê? Aleijá-lo de vez? Já entendi, meu pai, engoli o que o senhor me disse, não precisa mais me dar carão falando de vergonha e sujeira, nem gastar sua força me dando pisa, que eu entendi, quer dizer, entendi não, aceitei, abaixo a cabeça, aceito, porque não sei como é que se vive com o ódio do pai, que tanto ódio é esse? não precisava ficar acordado até essa hora. Era bem para ter certeza de que Raimundo voltaria para casa. E iria para onde?

Não era o seu Damião, era Marcinha, com uma lamparina nas mãos. Raimundo se deixou acolher pelo amarelo morno que envolvia a irmã.

— O pai perdeu o juízo, Raimundo? Minha Nossa Senhora, tuas costas! Choro sim, você quer o quê? Nem um animal merece uma coisa dessa, avalie um filho! Eu sabia que não devia ter dito nada.

— A culpa não é sua, minha irmã, é só minha.

Só dele, que arriscou algumas braçadas em direção ao impossível.

— Agora tu desse jeito, meu irmão.

A passos miúdos, de uma rês peada, Raimundo se arrastou apoiado na irmã. O mesmo quarto. A noite anterior estava tão distante, parecia ter se passado uma vida inteira e ele era um velho.

— Tu devia estar dormindo, Marcinha.

— Como é que dorme? O pai chega, nada de tu chegar com ele e ele não diz palavra, se encasula na rede e pronto. A mãe não se atreve, foi rezar e depois se trancou no quarto. Falo pra ela que está tarde e nada de tu aparecer, ela continua calada, como é que dorme?

Raimundo olhou para a porta do quarto, depois virou o rosto para o lado da parede.

— O pai quer o quê? Mais o quê? Isso é jeito de tratar teu filho? Se o senhor for bater nele de novo, vou me meter, fico mais vendo ele

apanhar desse jeito não, fico mais não, fique sabendo o senhor, vai ter que levantar a mão pra mim também.

— Raimundo,

— Deixa ele quieto agora, pai.

Quando seu Damião saiu, Raimundo se voltou para a irmã.

— Tu não vai fazer nada disso, quero te ver chorando mais não.

— E eu com isso que tu não quer? Me deixe com meu choro. Se deite de barriga pra baixo.

Uma salmoura cobria os cortes nos ombros, nas costas, na base da espinha.

— Vou pegar água e um pano limpo e depois vou esquentar folha de corama no óleo pra colocar em cima.

O silêncio da casa era todo o silêncio da mãe, como se ela nem estivesse por perto, mas ela estava, só não ao lado dele.

— Fique quieto, tem que colocar, Raimundo.

— Muito quente isso aí.

— Tem que ser quente, vai ajudar a enxugar e sarar.

Enquanto amornavam, as folhas enxertavam um calor que aconchegava o corpo todo, de fora para dentro.

— Tente dormir, meu irmão, se esqueça do mundo, do pai, de Cícero.

— Obrigado, minha irmã. Pode ir se deitar também.

Junto à mesma janela da noite anterior, Raimundo aguardou um sono pesado. Não iria mais embora. Sozinho? Iria ficar em casa. Sozinho? Não poderia mais ver Cícero, não do jeito que queria. E se o pai tiver razão? que um dia isso vai passar? mais velho, casado com uma mulher, dois, três filhos, sem gostar de homem, vida de homem de verdade.

Suzzanný

O quarto fedia a mijó e merda, suor e cigarro. A catanga incomodava, mas não o suficiente para fazer Raimundo ir embora. Ele estava atrás do cheiro de homem, das partes, de perto, como não podia estar lá fora. Lá dentro, o ambiente não estranhava as entranhas. Cinema quente e imundo. A maldita palavra impregnava as roupas e o corpo. Só quando ele deixava o lugar ela entorpecia a mente. Porque, antes do gozo, a imundice vergava sob as baforadas quentes do desejo. O desejo dele e do homem vergado, encaixado no seu corpo. Não há luz no quarto, só o tremido de uma televisão em outro cômodo da velha casa. Não se veem os rostos, não interessam os rostos. Se enxergam pelo tato esfomeado, se comem com as mãos, se comem com as bocas, e Raimundo comia o desconhecido, mesmo com outros homens no quarto se masturbando e ouvindo o sopapo da coxa dele na bunda do cara. Os gemidos e os cheiros em volta, Raimundo tentava terminar rápido, ordenhar logo aquele desejo de uma vez, sair dali.

Numa pia, passa água nas mãos. O resto deixava para lavar no banheiro do posto, tinha nem um pedaço de sabão naquele chiqueiro. Os vultos e suspiros nos compartimentos da casa, o corredor de paredes vermelhas, a porta de saída, a rua vazia. Com Cícero era de dia, era diferente, o rosto, a voz. Cícero tinha ficado no passado. Na calçada mal iluminada, Raimundo era o Raimundo dos becos. Ejaculada a vontade, se enchia de nojo e raiva. Pelo menos até a próxima noite num lugar como aquele.

E esse fedor que fica na pele da gente, debaixo da venta, direto, homem de mais de quarenta anos, fazendo isso, não era porque estava vindo pra ficar com macho, ou era, ou era o jeito que estava fazendo, nas sombras, será se vou viver assim o resto da vida? fico puto só de

pensar, Cícero que sumiu, se fosse com ele tinha tido coragem, se bem, mesmo com Cícero pensei em viver escondido, Ninguém tinha que saber que viviam juntos, mas ia estar com ele, era diferente, era de dia, olhava nos olhos castanhos, o gozo era doce, não era amargoso como esse de agora, que fique vindo aqui quem quer, mas eu não quero isso pra mim não, quero mais não, está decidido, decido isso toda vez, não dá quinze dias venho aqui de novo, pegar outro que não vejo nem a cara e saio resmungando as mesmas coisas de agora, amargado, prometendo não vir mais, parece que gosta de ficar desse jeito, Raimundo, cabra besta,

— E aí, gato, a fim de uma curtição?

Era ela, de tanga preta e uma tira de pano rosa-choque sobre os seios. Raimundo atravessa a rua.

— Vai pra merda!

já estou enfezado ainda vem uma porra dessa?

— Ai, calma, não gozou gostoso lá dentro do cine não, foi?

Raimundo olha atravessado.

— Que foi que tu falou? Hein, viado? Aberração! Esses peitos de plástico, se fazendo de mulher e tem uma piroca no meio das pernas, seu baitola! Viado imundo!

— Tem quem goste, ignorante.

— Mas eu não gosto nem de ver, fique aí, que eu já estou cheio desse esgoto por hoje.

— Isso, avoa daqui, encubado.

Na rede armada sob o baú do caminhão, a cabeça afundou na baeta que servia de travesseiro. Pra que tinha que se meter na vida da gente? tivesse me deixado quieto, eu vinha embora, ruminando minha raiva, como sempre fiz, nem lembro o rosto dele direito, mas lembro o que eu disse, disse não, cuspi na cara dela, não precisava, Raimundo, esbravejar daquele jeito, não pode, tua raiva tu guarda com você, nem que um dia você espoque, não pode é brigar na rua. Mas não era só isso. Tinha uma muriçoca voando no ouvido dele, afastando o sono, zunindo dentro da cabeça o que ele falou para alguém como ele, alguém que estava no meio do mundo, do mundo que aceitava as pontas, homem que gosta de mulher e mulher que gosta de homem, o

meio era caroço infértil. Fruto podre, que só serve pra jogar nos chiqueiros da vida, nas esquinas da madrugada, nas casas velhas transformadas em cine pornô e nos quartos fedidos, cheios de pecadores, cheios de pragas cheias de pus, pelo corpo, pela alma, a gente tentava espremer as feridas ali, um espremendo o outro, sujos como dizem, a gente era igual, e era diferente, que travesti não cuida de vergonha.

Chuva

Raimundo ia na garupa da bicicleta. Cícero pedalava.

— Vai mais depressa, senão a chuva pega a gente na volta.

— Tem nada não.

— Tem, sim, Cícero, vai molhar o presente?

Cícero apertou a pedalada, o vento ficou mais forte. Raimundo não sabia ainda o que daria de presente de aniversário para a mãe. Era o primeiro que iria comprar, com o dinheiro que o pai começou a lhe dar pelo trabalho no sítio, depois dos dezoito anos. Chamou Cícero para ajudar. Raimundo conhecia dinheiro, mas Cícero sabia ler e tudo. Era bom saber ler para andar na rua.

— Tem que ser no comércio da rua, Cícero, porque aqui perto de casa só tem bodega e bodega só tem bolacha! Quero dar um presente bonito pra mãe.

— Como vão dona Caetana e seu Damião?

— O pai está melhor, mas a mãe anda muito triste ainda, acabrunhada, diminuiu a costura, mal faz as coisas da casa. Tem menos de mês que largou o luto.

— É assim mesmo, com o tempo ela melhora também.

— Vai ser muito tempo, viu, Cícero? Uma dor grande assim demora a passar. Se é que passa algum dia, até pra mim, que sou irmão, imagina pra mãe. Uma perda dessa, depois da felicidade que foi pegar barriga, eu e a Marcinha já crescido. Foi pouco depois da gente começar, lembra que eu te falei da alegria deles dois? Ter criança dentro de casa de novo. O pai doido por outro menino, E vai ser outro macho! Ia ser era dois.

— Eles morreram de quê, Gaudêncio?

— Porque nasceram antes do tempo, viveram só dois dias. A parteira disse, na mesma noite que botou os dois no colo da mãe, que eles só venceriam por um milagre, que a vida neles era mais fina que os dedos quase transparentes. O pai ficou todo aperreado, dava pena de ver, ele sentava na cama ao lado da mãe, depois se levantava e andava pela casa, inchando o peito, bufando, impaciente, sem poder fazer nada, depois sentava de novo, querendo ajudar a mãe, e a mãe e Marcinha rezando. A mãe ainda deu nome pra eles, Antônio Manuel e Antônio Pedro. Na segunda noite, eu peguei Pedro nos braços, o que tinha nascido por último. Quase nem abria os olhos, tão miudinhos, Cícero, mas eu lembro, ele abriu quando estava comigo e me viu. E procurando sempre o olhar dele, fiquei embalando bem devagar, perto do meu peito, eu desejei poder dar um pedaço do meu coração pra ele, até o dele ficar mais forte, eu dava, era pro meu irmão. Mas aí a barriguinha começou a estufar e secar ligeiro demais, ele abriu a boca puxando o ar, e fechou os olhos. Eu me aperreei, Mãe! Pai!, souberam o que era quando viram o rosto dele ficando roxo. E a gente sem poder fazer nada, só esperando. Eu esperei com ele, ainda sinto o corpo pequeno tremendo no meu braço. Eu coloquei outro cueiro pra cobrir ele e deixei minha mão por cima, pensando que podia estar com frio, mas não era frio não, era a vida deixando o corpo dele, e ele tremia e fechava as mãozinhas tentando segurar a vida, foi isso que eu pensei, que gostou dos braços do irmão mais velho e ficou por aqui, ficou nos meus braços o tanto que pôde. Aí o peito dele acalmou e o corpo todo acalmou. Cheguei perto da mãe e coloquei Pedro nos braços dela, e ela rezou uma prece baixa, pra eles dois. Marcinha chorava ao lado do Antônio Manuel. Antes de amanhecer, ele também morreu.

Um presente bonito havia de trazer alguma alegria.

— Cícero, tu sabe onde vende tecido? De fazer vestido. Tu acha que a mãe vai gostar? Faz tempo que ela não costura uma roupa nova pra ela.

— Naquela loja tem uma placa.

Varejão dos Tecidos, Cícero que leu. Deixaram a bicicleta na calçada e entraram. Raimundo passeou entre os rolos de pano, de toda

qualidade, vermelho, amarelo, amarelo-queimado, azul, estampado de flor grande, flor pequena, com listra. Passou a mão neles, sentiu o cheiro. A loja tinha esse cheiro que tecia a imagem da mãe debruçada sobre a máquina de costura. A tarde pintada na janela do oitão, os pés ligeiros, a mão firme no volante, olhos atentos no sobe e desce certo da agulha.

— Moça, tem crepe?

— É pra tu?

— Não, é pra um vestido pra minha mãe.

— Tem essas cores aqui.

Raimundo gostou do azul-claro.

— Que tu acha desse?

A moça do lado, olhando para os dois rapazes escolhendo tecido.

— E eu sei, Gaudêncio? Quem compra tecido é mulher, sei dessas coisas não. Por que não veio com a Marcinha? Ela te ajudava mais que eu.

— Marcinha está na aula e vou levar um presente pra ela também, de surpresa. Ela disse que queria um caderno de folha grande. É esse mesmo, moça, azul-claro.

Neblinava quando saíram da loja. A fazenda da mãe, enrolada num papel de presente amarelo, e o caderno para a irmã, num papel florido.

— Vai ligeiro, Cícero!

— Pois ajude aí.

Raimundo se sentou mais para a frente da garupa, mais perto da sela. O cheiro de Cícero, o cheiro de chuva. Cícero afastou os pés para dentro dos pedais, dando espaço aos pés de Raimundo. A quatro pernas, a bicicleta ganhou fôlego, mas foi só o tempo, foi só botar os pés em casa, um toró começou a apedrejar o telhado.

Dona Caetana estava deitada numa rede perto da janela da sala e olhava longe, para além dos fios d'água.

— Parabéns, minha mãe.

Um abraço sem força e um sorriso sem ânimo, mas ela agradeceu com a voz de mãe, voz que afaga.

— Muito lindo, meu filho. Olha, Damião, Raimundo me deu um metro de pano.

Ela se levantou para colocar o embrulho, com metade ainda dentro do papel, sobre a máquina fechada. Voltou para a rede e se deixou

carrear pelo choro que vinha do céu. Raimundo foi no quarto entregar o pacote de Marcinha.

— Seu caderno, era esse que tu queria? O Cícero disse que caderno grande era esse. Bonita a capa, esse cavalo correndo. Gostou?

— Muito, Raimundo. Era esse sim, muito obrigada, meu irmão.

— Aproveitei e trouxe dois lápis e uma caneta.

Deixou a irmã. A alegria dela no próprio sorriso. Ele gostou tanto do caderno que iria comprar outro no outro mês, para quando ele fosse aprender a escrever com Cícero. Tinha pedido a ele para guardar, ainda não queria falar para ninguém que iria estudar de novo. Quando soubesse escrever o nome, faria outra surpresa a Marcinha. Ela ia ficar bestinha! Depois, mostraria para os pais também. Eu digo que foi Cícero que me ensinou, que que tem?

Passou pela sala. Os olhos de dona Caetana ignoravam o azul da confecção, preferiam o cinzento do céu. Devia ser lá onde estavam os gêmeos. No alpendre, Raimundo encontrou o pai e Cícero dentro da chuva grossa.

— Vai perder, Gaudêncio?

— Vem, meu filho!

Caetana

Esse barulho, esse barulho que não está normal. Raimundo tinha desmontado e montado a velha máquina de costura da mãe não sabia mais quantas vezes. Só que dessa vez ela tinha passado muitos anos parada. A Marcinha não usava muito, estava só de enfeite na sala dela. Quando a irmã ouviu que ele tinha virado costureiro, perguntou se ele queria ficar com a máquina da mãe. Claro que queria. Mas não está prestando, da última vez que tentei usar, a agulha não desceu, Eu conserto. Iria consertar, nem que não usasse, mesmo porque já tinha uma máquina mais moderna. Podia usá-la com a estante fechada, como uma mesa de estudo, ou para costurar vez ou outra, quando uma ou outra lembrança precisasse de um remendo. Porque isso não é coisa de homem nem de Deus!

— Olha aqui, mãe, boazinha. Era só o volante, estava frouxo, não esticava a correia direito, mas ela está esticadinha agora.

Raimundo era quem sentava à máquina. Conhecia os engasgos da engrenagem e gostava de caçar o defeito e deixar funcionando. Aproveitava para testar o conserto, costurando duas tiras de retalho, e mostrar seu trabalho à mãe. Mas antes que costurasse mais, ela o dispensava, dizendo que tinha muito que fazer.

— Tu melhorou?

Era a primeira vez que se falavam depois que ficaram sabendo dele e Cícero.

— Sim, mãe, as folhas de corama ajudaram.

— Falei pra teu pai que hoje tu ia me ajudar aqui em casa, com a máquina e com as plantas.

Raimundo poderia conversar com ela, mas a conversa não iria sair tão ligeiro, ele sem saber o que falar. Como dizer pra mãe? a senhora sabe que eu e Cícero é amigo um do outro, podia começar por aí, a senhora conhece ele, desde menino ele já andava aqui em casa, ajudou a gente na cheia, lembra? a gente sempre brincou junto e trabalhou junto muitas vezes, pois a gente cresceu, e de um tempo pra cá passou a se gostar, se gostar mais que amigo, e a querer ficar junto, eu sei que não era pra ser assim, a senhora nem o pai queria que fosse assim, que não foi essa a criação que me deram, mas é isso, mãe, é isso que fica imprensando o meu peito e o peito de Cícero, perceber que o que a gente é, que não vem da criação, não vem, porque a senhora e o pai me criaram direito, me deram tudo, mas vem de dentro, dói é quando a gente percebe que está machucando todo mundo por causa da criação e da criação de todo mundo também, porque todo mundo cresce sendo educado pra virar a cara pra esse tipo de gente, que tem que fugir da criação pra perseguir o que vem de dentro, minha mãe, eu gosto dele sim, e sinto vontade de dormir com ele e viver com ele, e o que a gente menos queria nessa vida, o Cícero falava que só, o que a gente menos queria era maltratar nossa família, o pai falou que isso estava desgraçando nossa família, não era o que a gente queria, não era, e a gente pensava no que podia acontecer, que futuro tinha na nossa frente, essas perguntas cresceram entre nós dois, afastando nós dois, mas a gente continuou, sem se perder um do outro, mesmo com esse espaço empurrando cada um pra um lado, a gente continuou, continuou porque fazia a gente feliz, mesmo escondido, eu sei, mas fez a gente feliz sim esse tempo, agora tem mais nada escondido não, nem nós dois, nem a raiva que os pais da gente têm de gente como nós dois, está tudo bem na nossa cara, e eu sabia que ia ser difícil ficar aqui com tudo amostrado desse jeito, eu queria ir embora com Cícero, eu não queria deixar vocês, mas não tinha outro caminho, e fui pro rio decidido a pegar meu rumo com ele, mas ele não foi, e eu perdi o prumo, tudo desmoronou, e o pai me derrubou com outra surra lá mesmo na margem do rio, e agora eu não sei o que fazer, minha mãe, é o jeito eu fazer jeito de ficar aqui, sem ver Cícero, eu não sei, não sei como ele ficou, o que ele ia me dizer,

Os dois carregavam baldes com água tirada de uma bomba e levavam para as plantas que coloriam o oitão e a frente da casa. As

papoulas eram as favoritas de dona Caetana e de Raimundo. Tinha pé da vermelha, da rosa, da branca. Pararam ao lado da amarela, a mais linda que ele achava. Chega se destacava, como se fosse mais filha do sol que as outras.

não sei o que a senhora quer me dizer, se pensa como o pai, se vai me pedir pra mudar, a senhora não disse nada esses dias tudo, fazendo do silêncio represa, mas quando a senhora for falar, as palavras da senhora vão romper esse meu desterro, vão, eu sei que vão, estou aqui aguardando a senhora me dizer, eu tenho que saber o que a senhora está pensando agora, de mim, de Cícero, e espero que a senhora possa me entender e ver diante da senhora seu filho,

— Teu pai me falou da tarde na cruz.

— Mãe,

— Tu sabe a história da cruz, Raimundo?

— Foi que um rapaz morreu afogado.

— Era irmão de teu pai, o Dalberto. Era moço ainda

— Irmão do pai?

quando se afogou no rio.

— E o pai nunca falou nada pra gente.

— Não falou nem vai falar. Dalberto era metade da vida dele, metade que ele perdeu pro rio e pro pulso firme do pai. Ele era como tu, gostava de macho. Teu pai encobriu as imoralidades dele por um tempo, brigou com ele no começo, mas acabou aceitando. Dalberto fez até Damião apanhar do pai junto com ele. E um dia, perto do meu casamento com teu pai, teu tio tirou a paciência de teu avô, teu avô levou ele pro rio. Dalberto parece que tinha era medo d'água, frouxo. Teu avô precisou entrar no rio também e só ele que voltou.

— Como pode isso, mãe? O vô matou um filho?

— Teu avô fez o que fez por causa de Dalberto.

as imoralidades de Dalberto, pulso firme do vô, o pai apanhou junto do irmão, Dalberto gostava de macho, Dalberto frouxo,

— E por que esconder a morte dele?

— E mostrar pra quê? Dalberto só trouxe desgraça, tem que ficar no esquecimento, por mim nem aquela cruz tinha. Foi teu pai que teimou, Tem que ter uma cruz sim, um dia eu tive um irmão, era meu irmão, Caetana.

o tempo que fiquei encarando aquela cruz, imaginando como era o tal rapaz do afogamento que o povo falava.

Teu avô disse pra quem perguntou que Dalberto tinha se mudado pra morar com um parente distante. Teu pai me disse que tu falou de ir embora?

— Falei, mas Cícero não foi no rio, eu não sei mais. Eu queria falar pra senhora, que eu gosto

— E vai ficar em casa como?

— Em casa, mãe.

— Mas essa história com Cícero dentro de casa também?

— Eu e o Cícero, não sei mais como vai ficar.

— Quando vocês começaram com isso? Foi antes que embuchei dos gêmeos?

— Foi, faz bem dois anos.

— E tu não pensa que foram tuas mãos sujas que tiraram a vida do Pedro quando tu segurou ele? E do Manuel, que a casa já estava toda empestada desse pecado, dessa imundice tua com Cícero? Isso que tu fez não é coisa de homem nem coisa de Deus!

A mãe começou a chorar.

— Pois eu acho que tu devia ir embora, pra longe, porque depois do que tu fez tu não pode mais ficar aqui não.

A voz que afaga, a voz que afoga.

— O pai

— Teu pai não vai deixar tu ir, nem que tenha que te pregar na cama com tuas feridas, ele não vai deixar, e ele acredita que tu desistiu de ir embora, de Cícero, dessa história toda de homem com homem. Aproveita que tu melhorou. Melhor tu ir. Pra longe, agora, enquanto teu pai não chega do sítio.

Ela fez que ia tocar o rosto de Raimundo com uma das mãos, mas percebeu. Ele chorou. Ela voltou ao silêncio. E não precisava dizer mais nada.

Estrada

Tanta estrada que já percorri na vida me afastando dessa aqui, e agora é essa aqui que tenho que percorrer, as voltas que o mundo dá na gente, mas está certo, estou é certo, tenho que voltar lá antes de encontrar com a morte numa curva dessa, a mãe e o pai já devem ter morrido, minha esperança é encontrar Marcinha na nossa casa, tanto que pensei em vir antes, pra ver os dois de novo, talvez depois de velhos e eu depois de adulto, a gente pudesse ter se falado, deixado as palavras do passado mais pra trás ainda, abandonado elas na beira de uma estrada, Melhor tu ir pra longe, pois eu fui embora mesmo, mãe, e a senhora, como viveu? não teve um dia só que não pensei na senhora, sem saber como vocês ficaram, só sabia que a senhora queria que eu me afastasse, isso bastou, como é que eu ia viver do seu lado sabendo que dentro da senhora a senhora me queria longe, onde a vista não alcançasse, tão longe, que a lembrança fosse se esticando, uma ponta comigo, outra com a senhora, ela fosse se esticando e se afinando, até ficar mais fina que a linha que entra no olho da agulha, quem sabe até um dia se partir ou a gente soltar as pontas, a minha está comigo, um nó cego em volta do peito, e é com ela que estou voltando, virei costureiro, imagine! as vezes que ajeitei a máquina da senhora ou vi a senhora costurando, será que ia gostar de saber que teve um filho que costura? mas antes fiz trabalho de homem, como se diz, carregando e descarregando caminhão com a força dos braços e das costas, por isso andei tanto por aí, mas vagava à força, caçando o longe, que só fazia se afastar cada vez mais, tinha gosto de ser chapa não, mas o serviço me apareceu, e eu sem saber o que estava me esperando quando saí de casa, aceitei, foi seu Salviano que me ofereceu, foi ele que me deu carona aquele dia, gente boa, Vai pra onde? Pra capital, eu acho, é

longe, é?, acabou que a capital não era o destino dele, mas não me incomodei não, havia de ter outro longe por aí, e fui, vendo o mundo passar pela janela do caminhão, mais veloz que a correnteza do rio,

Eu não posso me afogar nem deixar que me afoguem, o corpo pode ficar escondido debaixo d'água, do pescoço pra baixo, mas a cabeça, só acima da linha d'água, a cabeça ninguém vê dentro mesmo, nem sou obrigado a mostrar o que sou a seu ninguém, fiz isso com Cícero, depois todo mundo descobriu, deixar alguém te entrar desse jeito, revira tudo, arruma do jeito dele e depois vai embora, batendo a porta na tua cara, aí deixa uma carta, uma carta pra uma pessoa analfabeta, filho da puta! pra quê? pra toda vez que eu olhe pra carta feito um abestado, eu lembre da gente? e lembre que não sei ler o diabo das letras? eu podia bem jogar ela fora, aqui mesmo, no vento, quem sabe ela não volta pra quem escreveu, fechada do mesmo jeito, porque eu também estou fechando a porta, o ruim é que a desinfeliz é a última coisa desse mundo que me liga a ele, se não posso ler posso pelo menos tocar, as lembranças e os sentimentos tudo, de tudo que eu vivi com ele e vivi aqui, tudo que estou deixando pra trás está vindo comigo nela.

— Eita, já bateu saudade, Raimundo? Se quiser te deixo num ponto que os ônibus param e tu volta.

— Não, senhor, pra mim não tem volta não.

mas estou voltando, tarde, eu sei, entrar de novo na casa, ver o sítio com a vista curtida, se tiver força vou até o rio, será que a Marcinha tem notícia dele? se ele ainda mora por lá, se fez família, essas perguntas bestas que ficam voltando, só encontrar uma fresta que elas se arrastam, se sopram pra dentro da cabeça, de que adianta? melhor nem tocar no assunto, pergunta da vida dela, da nossa mãe, do nosso pai, da família dela, os filhos, os netos, faz muito tempo, ela tinha quinze anos? fala de como tu está, da vida que levou esses anos tudinho, os lugares que conheceu viajando de caminhão, o mar, Marcinha, o mar, as serras que a gente anda por dentro da nuvem, tinha gosto de ser chapa não, mas foi bom por esse lado das andanças, se não tivesse ajudado seu Salviano a descarregar as sacas de arroz,

Aquele manguaceiro me deixa na mão uma hora dessa, aquele viado, tem um vagabundo que sempre me ajuda nessa cidade aqui, mas ele deve estar bêbado por aí, dando o rabo em algum lugar, não acho ele, tu pode me ajudar, Raimundo?, tomei o lugar do viado, mas seu Salviano não sabia, nunca descobriu que eu era, e ajudei ele a descer a carga, ele me deu um dinheiro e apareceu outra carga e ele me chamou pra ir com ele, acabei tomando rumo, não tinha lugar fixo mesmo, já tinha até um trabalho, seis anos com seu Salviano, depois ele se aposentou, me indicou pra outro motorista mais novo, Alex, passei uns oito anos trabalhando com esse, foi, o Alex, depois teve uma época que decidi variar mais, ia pulando de boleia em boleia, procurava canto que não conhecia ainda, mas depois de um tempo encontrei o Alex de novo e voltei a viajar com ele, achava era bom esse monte de viagem, tem muita coisa pra se ver nesse mundo, e eu queria poder te contar deles, pra você e pra mãe, porque no fundo foi por causa dela que conheci esses lugares tudo, olha as voltas que o mundo dá de novo, teve umas partes ruins também, porque viver escondido não é bom, esse andado todo ajudava era a me esconder, porque digo pra senhora e a senhora devia saber, porque naquele dia a senhora não falou em mudar, falou do que eu já tinha feito, como se a gente tivesse que ser o que foi criado pra ser e pronto, sem escapar para os lados, eu já tinha escapado, me desviado como a senhora deve ter pensado, eu já tinha mostrado que não ia ser o que a senhora esperava e tinha colocado coisa ruim dentro de casa, e isso marcou a senhora, mãe da gente sabe, não me queria por perto porque já sabia, me conhecia e sabia que eu não podia mudar, e nunca deixei de ser o que me tirou de casa, eu fui conversar com a senhora naquele dia pensando que a senhora ia pedir pra eu mudar, e era o que eu tinha decidido fazer quando saí de casa, lembrando da história do tio Dalberto, da morte dos gêmeos, achando que dava conta de mudar mas, bem que tentei, mulher gosta de caminhoneiro, e sempre sobrava uma que se contentava com o chapa do caminhoneiro, como eu não gostava muito, também não era exigente, e me atracava com uma, com outra, entortei muito pé de árvore por aí, achando que me endireitava, que precisava me endireitar, mas essas tentativas eram o mesmo que tirar água do rio com um balde, adiantava nada não, fiquei fazendo pra pelo menos não mostrar que eu gostava mesmo era de homem, passei foi tempo assim, tempo

ruim, e também fui lascando minhas costas com o trabalho, cada peso que coloquei em cima delas, hoje estou todo entrevado, corcunda como se tivesse sempre uma saca invisível nos ombros, mesmo depois de mais de vinte anos sem subir num caminhão, capaz de ser é o coração pesando dentro do peito, me puxando pra perto da terra, e eu estou voltando, estou perto, mas esse ônibus num pinga-pinga! sei nem se me levanto mais dessa poltrona velha, os ossos, são os ossos, os músculos ainda dão pro gasto, endureceram cedo com as marcas das surras do pai, foram essas costas que o senhor açoitou tanto, tentando arrancar de mim o que não dava pra arrancar de jeito nenhum, que o jeito da gente não se arranca como um pé de planta qualquer, de raiz rasa, foi com essas costas que eu não passei fome, como será que o senhor ficou depois que fui embora? porque o senhor não queria que eu fosse, se atracou com esse medo que meu jeito ia me fazer mal, e não soltou dele nem quando tentei falar com o senhor, fui eu que deixei ele me fazer mal, é assim que é, depende como a gente se vira com a gente mesmo, meu pai, vivi me escondendo, sim, por muito tempo, mesmo depois do Alex, foi o Alex, uma noite, numa cidade grande do Sul, deixou o caminhão no posto e me pediu pra ir com ele pro centro, Vou te mostrar um lugar, tu vai gostar, e foi lá que eu vi que ele se escondia também, perguntei como ele soube de mim, A gente tem que tomar cuidado quando disfarça, Raimundo, te vi olhando pra mim outro dia, assim de quina, saquei logo, e quando as vontades do corpo enchiam, era em lugar como aquele que eu vazava, pra depois me encher de desgosto, porque lá eu podia ficar com homem, mas parece que ficava era mais escondido, isso era bom não, não era vida de se levar, levei, carreguei até quando pude, temendo sempre que o pior era não se esconder, conversa! pois desde que parei com essa história, desde que decidi que o meu lugar nessa vida tinha que ter era a forma que eu trazia dentro de mim, foi que as cicatrizes que o senhor cravou perderam a fundura, ficaram só na pele, meu jeito, meu desejo não me doía mais, e eu pude olhar a vida desse outro lugar, mais alto, mais claro, claro que enfrentei gente, onde que se vive sem enfrentar gente? talvez aí pelo céu, depois que vira espírito, enquanto temos corpo, o corpo molda tanto nesse mundo que não justifica, tive que afrontar desaforo de pessoa que não aceitava que eu morava com travesti, que eu era costureiro, foi, parei de ser chapa, os ossos do

espinhaço parecia que não se encaixavam mais, alfinetavam as carnes, precisava arrumar outra coisa pra fazer, tinha feito umas bainhas de calça minha, na mão mesmo, remendando uma peça de roupa de vez em quando, e tinha visto a mãe costurar tuas camisas, os vestidos da Marcinha, essas lembranças, e sabia mexer em máquina de costura, e começou por aí, consertando máquina, até que comprei uma, antiga mas boa ainda que era uma beleza, e dona Solange me ensinou um pouco, e fui começando e hoje tem até uma placa na porta lá de casa, Rai — Mundo das Linhas e Botões, nome enfeitado, foi Suzzanný que inventou, O povo vai procurar o Rai, quem é o Rai, Suzzanný? Deixe que de nome eu entendo, Raimundo, ficou assim mesmo, aquela quando inventa, no começo não apareceu um botão pra eu pregar, a conversa era que o povo alinhavava serviço era com costureira mulher, e eu ainda morava com travesti e o Alex passando mais de mês lá em casa também, e no dia que saí com a Suzzanný pra distribuir panfleto sobre o ofício, tinha gente que nem recebia, ou recebia mas amassava logo e jogava no chão, foi difícil no começo? foi, mas veio a primeira cliente e as coisas começaram a melhorar, Dê ouvido pra esse povo não, Raimundo, são tudo muito é besta, estão vendo as roupas que tu faz pra Suzzanný não, é?, era a Creide, veio desesperada pra remendar um vestido, É a festa do abc da minha menina, na hora de puxar o zíper o bicho empacou pela metade do caminho, vou ter que enfeitar o borrego, mas teve não, que fiz o serviço em meia hora, ficou novinho, ela trouxe as amigas pra uma blusa aqui, uma afrouxada acolá, uma linha solta numa braguilha, as coisas se resolveram, estão indo, ainda hoje costuro, faço com gosto, parece uma coisa, pai, de me afeiçoar pelo que não se espera de mim, é assim mesmo, será que a Marcinha um dia soube do que realmente aconteceu?

Ela não sabia nada de Cícero, ela disse, mal tinha começado a conversa, Ele não mora mais no sítio, parece que foi embora com o irmão mais velho, pouco depois que tu saiu de casa, um dia eu fui lá, falar que tu não tinha deixado eu ler a carta, ele tinha me dito que era tão importante, achei que ele ia querer saber o que tinha acontecido, mas seu Nonato falou comigo da porta, disse que Cícero tinha se mudado, mas não disse pra onde, e que depois a família toda ia

também, e bateu a porta na minha cara, e eu não vi mais eles, e o que tu fez da carta, Raimundo? Guardei, estou com ela aqui, mas não li ainda, ela pediu de novo pra ler mas eu não deixei, e continuo sem saber nada dele, essa viagem ia dar nisso, sabia, sabia que ia dar nisso, mas deu pra rever minha irmã, que já é avó, e o abraço que ela me deu, enquanto chorava no meu ombro e eu no ombro dela, Achei que não ia mais te ver, meu irmão, rezava todo dia, mas a fé foi diminuindo que nem pedra do rio vai desaparecendo com o alisar da água de tantos e tantos anos, Raimundo, mas agora tu está aqui na minha frente, e fico muito feliz, meu irmão, muito obrigada, que eu tinha esse sonho de te ver de novo antes de morrer, e eu também fiquei feliz de ter vindo te ver, minha irmã, e te falar que estava bem, tinha me aprumado na vida, não do jeito que o pai queria, de um jeito melhor, A mãe me contou o que foi, Raimundo, depois de um tempo, eu desconfiava, o jeito que tu foi embora, mas quando soube de certeza eu até fiquei uns dias brigada com ela e gritei com o pai também, não podia acreditar que tinham te afastado de mim, te mandado pra andar sozinho na vida por causa disso, fiquei pensando, naquela época, se tu tivesse me dito, eu podia ter te ajudado, não sei, minha irmã, com a ruma de coisa que aconteceu aqueles dias, foi melhor não ter falado nada, e ia me doer demais se minha história com Cícero te afastasse de mim também, como tinha afastado o pai e a mãe, mesmo eu ficando em casa, ela me levou pra ver os túmulos deles, me mostrou os retratos que guardava, me deu um do batizado do filho mais novo dela, Tadeu, a cara do Inácio, pai dele, minha mãe segurava o neto, Ela teve um infarto, estava costurando, o pai do lado, com a mão sobre a moleira do menino, protegendo, Ele estava aí mas não sabia das coisas, Raimundo, nem conhecia mais a gente direito quando morreu, olhava pra mãe e perguntava quem era, no final mal lembrava de mim, tinha hora que me chamava de minha filha, noutra hora pedia pra eu ir chamar a filha dele, mas um dia quase me matou de susto, chamou seu nome, Raimundo! Raimundo! gritando, e saiu pela casa te procurando, que nem no dia que tu foi embora, chegou em casa e não te viu, insultou logo, achando que tu estava com Cícero de novo, foi quando a mãe disse que tu tinha ido embora de vez, escarrou uns desaforos pra ela, eles se estranharam desde aquele dia, a mãe já andava de banda desde a morte dos gêmeos, tu lembra, tu ir embora só piorou as coisas, o pai saiu na carreira, disse

que foi na rua, pegou um carro e tudo pra ir até as saídas da cidade, mas não te alcançou, voltou entristecido, os olhos vermelhos, pegou a estrada pro rio, de noite já fui encontrar ele ajoelhado perto da cruz, e eu queria ter estado lá quando ele me chamou, minha irmã, Ele ainda tentou outros dias, foi na rua, conversou com um monte de motorista de ônibus e de caminhão, com o povo que morava perto da estrada, mas nem sombra do teu rastro, foi esquecendo, mas sem esquecer, que a gente via um lamento nele, desfazendo o entendimento, tirando as forças, Inácio assumiu o sítio quando ele parou de ir pra roça, depois de um dia, deu de noite e nada do pai, tinha se areado perto do cata-vento, bem ali, dava pra ver nossa casa, mas ele não sabia como voltar, sem trabalhar passava o dia numa rede no alpendre, pastorando a estrada, Eu estava longe, Marcinha, sem sentido de voltar por essas bandas, Nesse dia ele começou a te chamar, se levantou, saiu andando pela casa, falando contigo como se tu estivesse do lado dele, Raimundo, tu vai com Cícero arrumar as coisas do sótão que a água está subindo! voltou pro alpendre e se deitou de novo pra te esperar, e meu pai foi se lembrar do dia da cheia, de mim e de Cícero, por quê? eu sei lá, era a doença, essa viagem só podia dar dá nisso, eu vim aqui achando que não queria saber dele e agora essa perturbação não passa, saber dele pra quê? se pelo menos eu soubesse o que diz a carta, devia ter deixado ela no rio, esquecer essa história de ler e escrever, nem começar, pois quando chegar em casa tacho fogo nela, faço desaparecer de vez, e que leve as malditas das palavras com ela! por que não foi lá no rio me falar o que era e pronto? inventa uma carta, uma carta pra uma pessoa que não consegue ler! aí a carta se arrasta, está aqui, se duvidar mais inteira que eu, a desgrama, devia ter jogado ela pela janela do caminhão de seu Salviano, isso sim, hoje não estava aqui, nessa peleja de pensamento, e esse ônibus num pinga-pinga!

Creide e Alex

Raimundo e Suzzanný, doidos para chegar em casa e descansar, lá estavam Creide e Alex na calçada, começando a noite com um aparelho de som no chão e cerveja e espetinho em cima da mesa de centro da sala.

— Chegaram os dois, agora a festa fica boa, Alex.

— Verdade. E as compras de Natal, Suzzanný?

— Tinha gente demais na rua, dentro das lojas, uma fuzarca. E esse outro ainda demorou um século pra escolher cartão de Natal.

— E vou escrever em tudinho ainda.

— Mas antes dança uma comigo.

Alex se levantou e puxou Raimundo pelo braço, aproveitou o início de uma música.

É ligeira essa, deixe ele me levar, foi, deixei ele me levar naquele lugar, foi um susto a primeira vez, ver os homens de calça abaixada, pau na mão chamando os outros, televisão espalhada pela casa velha, passando fita com filme de putaria, mas tinha os quartos sem televisão também, pro pessoal pegar o corpo um do outro, sem ter que enganar ninguém, esse Alex, até que me enganou, falava que pegava muita mulher, e devia pegar mesmo, eu via ele sempre com alguma mulher encangada no pescoço, tem até um filho, mas ficava nos cantos do cine encangado no pescoço de algum homem, mas eu e ele mesmo nunca que fizemos nada naquele tempo, só depois que eu nem era mais chapa, E como tu me achou, Alex? Você tinha me dito que ia ficar na casa de uma velha, dona Solange, antes de voltar pra casa, não achei mais ela, mas os vizinhos lembraram de você e da outra, aí fui perguntando, E ainda nas estradas? Sim, agora mesmo cheguei do Norte, mas ele era do Sul, o cabelo claro, o corpo leitoso, ele estava

inteiro ainda, farto, fez foi me chamar pra ir lá no cine, Vou mais lá não, se tu quiser, tu vai, mas se tu quiser, tu fica aqui, E mora só? Com a Suzzanný, E cadê ela? No meio do mundo, A tua mecha, o resto do teu cabelo não vai ficar branco, e ele não foi no cine, ficou aqui em casa, e quando parava o caminhão por esses lados, passava sempre por aqui, não ficava muito tempo por causa daquela cisma besta, a mesma que eu tinha, besta não, que isso mexe demais com a cabeça da gente, ele não ficava à vontade com Suzzanný, nem queria dar cabimento pra comentário alheio, como ele dizia, não tinha cabimento era forçar caber dentro da gente o que os outros pensavam que tinha dentro da gente e não tinha, eu disse pra ele, um dia ele foi embora, uma carga não sei pra onde, passou quase um ano sem aparecer, dei por encerrado, ele que ficasse com o cinema lá dele, cada um sabe da sua medida, mas aí apareceu de novo e foi ficando, passa mais de mês aqui, outros meses na casa do filho, está com menos vergonha, até me tirou pra dançar, aqui no meio da rua, e conduz bem, mas eu já estou arriado de cansaço,

Suzzanný dançava com a Creide, que já estava esbaforida.

— Vai tu, Suzzanný.

— Bora, Alex.

Creide agradeceu a Raimundo.

— Quer esfriar com uma gelada, Raimundo? Quem é que aguenta esse pique da Suzzanný? Deus preserve.

— Obrigado, Creide.

— Prova o espetinho, eu que fiz.

essa Creide, com “r” mesmo, estranhei no começo e perguntei um dia, Não, é Creide quando escreve também, minha mãe quase briga com o escrivão, ele queria colocar certinho, Cleide, mas minha mãe teimou que era Creide, porque era e pronto,

— E o Pezão?

— Sei lá dele, aquele estrupício,

ela gostava que só dele, mas brigavam que só também.

— Ele me ajudou, sabe? Quando peguei barriga, tive que sair da vida, ainda aguentava uns dez anos, mas tive que sair, não ia abandonar minha filha, uma pena que não era filha dele, mas ele me

ajudou. Já tinha um chamego entre nós dois, na época que ele era cliente, era bom, e o apelido dele é de mentira não, tem um pé que é quase uma terceira perna. Eita, Raimundo, se acanhe não que sei que tu também gosta, né não? Então. É um safado, sem-vergonha, deve ter mais umas três como eu por aí. Um dia desse eu falei que se ele batesse na minha porta de novo, ia ficar do lado de fora. E não é que o safado apareceu? Ainda deixei ele chamando mais de um minuto que pareceu dez. Ele dizendo que não arredava o pé, eu sem conseguir dormir, ele do lado de fora. Deixei ele entrar. O negócio é que com ele dentro de casa eu quero o negócio dele dentro de mim também, ora não.

aquele estrupício, deve estar na casa das outras, safado, coração safado, esse meu. Não ficou bom o coração de galinha? E Suzzanný e Alex não se cansam do arrastado de pé.

Raimundo deixou os três na calçada e entrou em casa. Queria começar a escrever as felicitações de Natal. E iria começar pelo cartão da Suzzanný. Ela vai ficar toda feliz, orgulhosa até, quando ler um cartão que eu mesmo escrevi pra ela, é minha chance de dizer no papel e tudo o tanto que tu me ajudou, não consigo nem imaginar onde eu estaria agora se não tivesse te encontrado, e começou ali, minha vida nova, hoje eu vejo, naquela noite eu não sabia, foi, começou ali, e mesmo depois de eu ter te feito um mal tão grande que até hoje me arrependo, que até hoje abaixa minha cabeça, você permitiu que eu me emendasse do teu lado, enquanto tua costela quebrada se emendava, não sei pra que é dois zês e dois enes se só dá pra pronunciar um, não é como o “r” e “rr” ou “s” e “ss”, pra diferenciar, tanta letra só se for pra ser diferente, que não tem em qualquer canto e quando a gente vê não esquece mais, que nem a dona, e não pode esquecer o acento no “y”, senão fica Suzzânny, Ai, abuso só de ouvir Suzzânny, é Suzzanný, que custa?, verdade, Suzzanný.

Pedra

— E agora tu fica o dia todo sentado nessa máquina fechada com esse caderno!

Deixe ela zoadar, ela é assim mesmo,

— Tem encomenda de roupa não, Raimundo?

— Já estão pronta, Chico.

Francisco era nome de nascença, Suzzanný nome de verdade,

— Vou dar uma volta, que tu fica muito é chato quando fica aí tentando escrever.

era só chamar de Chico pra ela parar de ladainha, ela fica assim, fala essas coisas, mas me deu força pra ir estudar, falei pra ela que queria mas estava com vergonha de aparecer na escola, Mas vergonha de quê? vergonha é sentimento que não se aproveita, não sabe disso nem depois de velho?, e ela me contou mais uma vez a única vez que ela sentiu vergonha,

— Tu sabe que só senti vergonha uma vez nessa vida. E talvez se não estivesse com vergonha naquele momento tudo tivesse sido diferente, se tivesse chegado com peito erguido pro meu pai ao invés de ir falar com ele toda encolhida. Ora, se eu queria me abrir com ele, tinha que ter ido de peito aberto, decidida, mas decidi foi deixar a vergonha me acompanhar. Fui toda com medo, medindo as palavras, quase sem deixar elas saírem da boca, ficaram grandes demais, as palavras, por causa da vergonha, porque a vergonha estava bem nutrida, gorda,

e ela levantou o braço direito acima da cabeça, o esquerdo nos quartos, pra mostrar o tamanho da vergonha, depois ficou com os dois braços boiando afastados do corpo, imitando a largura da vergonha, e dá-lhe o corpo a falar tanto ou mais que a boca,

gorda e gordurenta, as palavras ficaram grandes e eu encolhi, causa da vergonha. Vê lá se isso é coisa da gente guardar dentro da gente, Raimundo! Não deu outra, meu pai só viu a vergonha, que eu estava lá menor que um rato engiado, apoucada pela vergonha, só viu a vergonha em mim, só viu a vergonha nele, na minha mãe, que eles iam passar, olhar todo dia pra ela dentro de casa, ela podendo escapar qualquer hora pra rua, E se essa vergonha ganha o mundo, Francisco? Só viu a vergonha em mim, não viu o que era importante, o que eu queria tanto dizer pra ele, que me sentia diferente, um desencontro, um desconforme dentro de mim, É difícil explicar, pai, sabe se o senhor coloca umas pedras dentro de um copo e o que fica dentro, as pedras, não se aformam ao copo, fica sempre uns espaços, sem pedra ou sem copo, não é igual quando você enche um copo com água, que o copo fica todo preenchido, a água colada nas paredes do copo, sem sobrar um cantinho de ar que não tenha água, todo mundo parecido feito água, eu me sinto pedra dentro do meu corpo, eu disse pra ele, mas disse com vergonha do que estava sentindo. Ele só viu a vergonha, porque a bicha é nojenta, sebosa, viu? Quem é que quer viver com vergonha dentro de casa? Chutou ela pra fora e ela me arrastou junto, pronto, de que me serviu a vergonha? Ele teve a pior reação, meu pai, teve a pior reação que eu imaginava que ele ia ter. A vergonha não me serviu de nada, fez foi abrir a porta, e quando a porta se fechou atrás de mim, com a rua toda na minha frente, o mundo todo na minha frente, eu soltei a mão da vergonha, fui pra um lado, ela foi pro outro, e fui andando. Estou andando, até hoje, mancando de vez em quando. Fiquei em paz comigo, tinha que fazer alguma coisa, quebrar o copo, que as pedras ninguém quebra, comprei meus seios, minhas roupas, minha maquilagem, esse cabelão é meu mesmo, meu bem. Então deixa dessa besteira de vergonha, vai lá e pronto, nem que tenha velho e novo, ou só velho, tem isso não, vá e se livra dessa vergonha, por você. Se joga, Raimundo! E não tem a carta? A tal da carta? Tu chegou da

viagem lá pra casa da tua irmã todo enquizilado, mais encurvado que de costume, passou foi tempo no quarto segurando a carta na mão, só olhando pra ela, como quem olha pra um túmulo, Raimundo, se não vai deixar ninguém ler, aprende de uma vez, larga esse mistério, homem!

agora ela fica reclamando que estou estudando, é só reclamação de velha mesmo, e sempre falou muito, mas no final das contas foi a boca grande dela que uniu nós dois.

Mourão de cerca

Quando a gente sai na rua é desse jeito, fica segurando minha mão, ainda hoje tem gente que estranha, homem velho de mão dada com travesti velha, uns cochichando de um lado, uns olhando atravessado de outro, deixa estranhar, um dia eles aprendem, eu aprendi, eles aprendem, mas tem que querer, querer sair da ignorância, é quase como eu querendo aprender a ler e escrever, tomei a decisão de ver o mundo de outro jeito, me sentir mais dentro dele, porque a ignorância faz é isso, exclui, isola, e não era isolado que eu vivia? arrodado de homem, de caminhoneiro, de chapa, mas sempre com um muro na minha frente, e quem levantava esse muro era eu, todo dia um pouquinho, quando me enroscava com uma mulher na frente deles só pra fazer pose, era um tijolo, quando insultava ou ria com eles se o assunto era homem que gostava de homem, mais tijolo, mas o muro crescia mesmo era quando eu ia no cinema pornô, o muro crescia e alargava, me enclausurou lá dentro, ficou difícil enxergar além do muro, eu tinha raiva de viver com ele, mas o desgraçado me ajudava, me protegia, eu acreditava, não foi por isso que me tremi todinho quando encontrei ela a segunda vez? eu não, foi ela que me apareceu com uma amiga, batendo perna pra banda do posto de gasolina, naquele dia eu estremeci, ela era famosa, troncuda, ainda é, avistei de longe, andava com uns tamancos bem um palmo de sola, que veio foi fazendo terremoto,

E se ela me reconhecer? ela não vai falar nada não, o que ela veio fazer por aqui? longe que só do centro, eu podia ir no banheiro, mas deixar a porrinha logo agora que elas estão se aproximando, vai dar na

vista, os outros vão perguntar, deixa ela vir, ela não vai falar nada não, vai nem me reconhecer, estava escuro aquela noite na saída do cinema, mal olhei na cara dela antes de mandar ela se lascar, se bem, o que eu disse, é capaz dela se lembrar sim, ter marcado meu rosto, do jeito que eu estava puto aquela noite, mas ela que fique quieta, que não fale nada,

— Olha aí, Raimundo, o traveco fica direto olhando pra tu e está vindo pra cá.

— Que conversa, joga, deixa ela aí.

— Boa noite.

ela tinha que inventar,

— Valha, que povo mal-educado, nem pra dar boa-noite. Que jogo tão importante é esse que não pode nem levantar a cabeça, hein, moço? e vem logo falar comigo,

— Deixa minha cabeça quieta e vaza, melhor tu ficar lá na tua calçada, vaza, viado.

— Ah, eu sabiiiiia, a fuça eu vi que era parecida, nessa luz de tardezinha não estava bem certa, mas a voz eu não esqueço,

puta que pariu, Raimundo, tu foi abrir a boca,

não esqueço voz enrustida, que o enruste contamina até a voz. É tu, sim!

— Eu o quê, hein?

— Isso, macho véi, se levanta. É tu mermo que eu encontrei saindo do cine pornô outra noite. Todo injuriado, ficou só na punheta, foi não? e fica rindo? fica rindo, seu viado?

— Vixe, Raimundo!

— Que vixe o quê, vocês deixe de serem besta, que essa aí é só a droga. Passa direto.

— Empurra não, bicha, empurra não!

— Empurro se eu quiser, vai fazer o quê? Estou aqui no meu canto e tu vem atazanar?

— Não me puxa, Nárjore.

— Escuta teu amigo baitola e vai com ele, vai! Vai fazer ponto noutro canto que aqui tem quem goste de traveco não!

— Ah, é? Duvido, bando de cu preso desse.

— Vai-se embora, porra-louca.

— Solta, Nárjore, já estou indo, me solta.

— Esse povo imundo acha que fazem o que quer no mundo, aí podem chamar a gente de qualquer coisa?

— É.

— É.

eles concordam agora, mas depois vão puxar brincadeira, piada, O travesti gostou do Raimundo, Tu comia, Raimundo? Ou dava? e iam cair na risada, porque tinham sempre que rir e eu tinha sempre que rir, mesmo sem ver graça nenhuma,

ela tinha deixado uma rachadura no muro, eles podiam espiar minha vida,

eles vão achar que eu conheço mesmo aquela infeliz, vou ter que arrumar outra carga, outra turma, não posso arriscar, não posso, eles se levantaram tudo junto comigo quando fui empurrar ela, se for comigo, se descobrirem, eles se juntam e me empurram também, vão espalhar, nunca que consigo mais trabalho, muito poucos que não ligam pra isso, só conheci o Alex, mesmo assim, ele também se esconde, era capaz de se juntar com os outros contra mim, ainda bem que ele não está aqui, desgraça, estava quieto no meu canto, do meu jeito, não bastava eu brigar comigo todo santo dia, agora tenho que ficar me agonizando por causa dessa aí, do que ela pode fazer, e se ela me encontrar de novo? vier por aqui de novo? ou mesmo agora, espalhando agorinha mesmo pra amiga dela e pra quem mais ela quiser, tem uns motoristas e uns chapas bem ali, Sabe o Raimundo, aquele ali, jogando porrinha, com a cabeça quase no chão? ele gosta, viu? se duvidar, mais que eu, ia espalhar, aquela vagabunda, eu tenho que ir embora, pegar uma carona com um desconhecido, mas o Alex está contando comigo, não posso furar, aí é que ele me chama de viado mesmo, Aquele pau-no-cu do Raimundo, não posso, tenho que ficar, vou terminar o trabalho com ele, depois eu debando, faz tempo que estou por esses lados mesmo, vou mais pro Sul de novo, gente nova, desconhecida, fiquei muito tempo parado por aqui, o mesmo posto, a mesma cidade, as mesmas pessoas, o mesmo cinema, dá nisso, lá deve ter cinema também, é bom variar, não presta ficar no mesmo lugar não, Raimundo, não aprende? se prestasse já tinha arrumado outra coisa pra fazer, pra ficar num

canto só, uma casa de verdade, que essa história de chapa está achatando a gente, mas se você para, está vendo? começa a ficar cheio de gente em redor, reparando, gente que vê, que ouve e malda, fica mais fácil deles saberem de tu e mais difícil de tu evitar que eles saibam, eita que confusão tu foi arrumar, está vendo que não dá certo? dá não, mas não posso deixar o Alex na mão agora, pelo menos até a próxima semana tenho que ficar com ele, a carga só fica pronta na próxima semana, uma semana toda pra correr o risco daquela vir por aqui de novo, posso arriscar não, ela não pode vir dar espetáculo na minha frente, eu na frente dos outros, vou mostrar pra ela que ela tem que ficar no canto dela, ela vai ver, vai se arrepender de mexer na minha vida, e pensar que fiquei todo arrependido de ter falado com ela daquele jeito na saída do cine.

ela ainda se mete, é espaçosa, se espalha, fala mesmo na cara, esconde nada não, mais segura de si que um mourão de cerca.

— Avia, Raimundo, a loja vai fechar.

— Deixa fechar, cansei já, a gente compra esse tecido outro dia.

— Que conversa, tem a encomenda pro São-João da escola.

— Tem um mês ainda. Minhas costas não aguentam.

— Ô macho frouxo, pois se sente ali, tome uma casquinha que eu vou na loja, tu não confia que eu compre os panos?

— Vá, vá, que eu espero aqui.

Lá vem ela, com duas sacolas em tempo de espocar de tanto tecido, mas firme nos tamancos.

Beco

Suzzanný foi logo ameaçando Raimundo com os tamancos na mão.

— Chegue perto não, arranco um chaboque da tua cabeça! Já botei muita bicha-macha valentona como tu pra correr. Faço um estrago nessa tua cara de matuto!

— E pra que tu foi focinhar pro meu lado no posto? Com meus amigos e tudo? Pra que foi dizer pra eles que tinha me visto saindo do cine?

— Fui só te dar um susto, tu foi morta de ignorante comigo na outra noite, bicha. Sei pra que essa ignorância.

Ignorância ela vai ver é agora, me chamando de bicha, a amiga dela não está perto, tem um rapaz acolá, muito longe, vai ouvir nada não, por que ela tinha que se meter? se amostrar me denunciando pros outros? não posso deixar ela fazer isso de novo, não posso, um beco ali, vai ser ali, mais afastado da rua, escuro, ela vai ver,

— E vai ficar aí bufando? Não está a fim da pegação no cine hoje não? Só não dá pra ficar aí, vai espantar os bofes, avoa, vai catar tua alegria lá dentro, vai.

— Tu não cala essa boca? Pois eu calo por você.

Raimundo avançou. Suzzanný botou tanta força para acertá-lo com um dos tamancos, que o calçado se soltou da mão antes do tempo, mal arranhou o braço dele. Ela jogou o outro enquanto se afastava andando de costas. Errou de novo. Raimundo a alcançou e deu um murro que cortou o lábio dela.

— Pra cortar a língua faladeira.

Suzzanný limpou o sangue com as costas da mão. O gesto desancora em Raimundo uma memória pesada mas que rapidamente se desfaz na raiva que espumava dos seus pensamentos de agora.

— Tu vem pra cima de mim, todo macho. Queria ver era o machão lá dentro do cine, uma jeba desse tamanho engasgando a goela.

— Vai calar a boca não?

— Calo não, venha calar! Quem é tu pra me mandar calar a boca?

Ela jogou a bolsa no chão e foi para cima de Raimundo, chutando, de saia e tudo.

— Eu não saio de noite por aí, com roupa de mulher, dando meu corpo por dinheiro.

— É muita falta, um cafuçu desse! Fique sabendo que eu ando assim de dia também, e o que faço com meu corpo, desde quando é da tua conta? Pois, meu filho, eu quero é ver tu ter coragem de fazer o que eu faço, tua coragem tu acha só ali, ó, da porta pra dentro do cinema. Da porta pra fora, o que que tu acha? Está aí, na tua cara!

— Vai se foder, viado imundo. Acha que sabe da vida da gente.

— Seu encubado de merda, pensa que é o quê?

— E tu, pensa que é o quê? Hein? Tu é homem, porra!

— Seu filho da puta!

Ela acertou um chute na coxa de Raimundo, mas depois recuou e acabou se encurralando ainda mais, como Raimundo queria.

— Venha, sua aberração dos infernos.

Raimundo acertou outro murro.

— Bem nessa tua cara rebocada.

Ela cambaleou, se apoiou com uma mão no muro, a outra na parede do cine. Abriu o peito para ele, levou um soco bem na boca do estômago, um passo para trás, dois, três, escorregou, caiu sentada, a boca aberta chupando o ar, chega zunia.

— Tu fica longe de mim, fique aí, procurando ar nesse mundo que tu vive, mas não venha me procurar e falar de mim pra seu ninguém, ouviu?

Ela não respondeu, a barriga chupada como se tivesse colada por dentro.

— Tu me entendeu?

Suzzanný se arrastou um pouco, ficou bem no canto do muro, o braço estendido, mostrando o dedo. O ar voltou.

— No teu rabo!

Raimundo largou-lhe um chute na barriga, a pancada ecoou num grito, que morreu de uma vez, sem ar.

tenho que sair daqui, alguém vai aparecer, a cara dela, a cara dela não está boa, o coturno, logo na barriga,

— Pra que tu foi falar de mim? Hein? Responde!

ela está ficando branca, a cabeça pendurada desse jeito, o peito dela, subindo e descendo apressado, feito passarinho, parece que desmaiou, era só o que faltava,

— Ei, acorda! Acorda!

merda, viado de merda pra desgraçar a vida da gente! inchando, ficando roxo, a barriga dela,

— Que aconteceu aí?

Dois rapazes, saindo do cine. Raimundo se escondeu de novo.

— Eu vinha passando e ouvi alguém chamando aqui no beco, encontrei ela desmaiada já.

— Deve ter levado outra surra, coitada.

— Outra?

— Ela é conhecida, não leva desaforo, leva surra, perde feio, fica sem os dentes, a boca cheia de sangue, mas enche a boca pra dizer que apanha pra não apanhar a dignidade dela do chão.

— A gente conhece ela, Suzzanný, o nome dela. Vez por outra se estranha com um macho mal resolvido.

— Sim, mas vamos fazer o quê, ficar de papo aqui? Ela não acorda!

— E esse calombo na barriga!

— Moço, moço, tu tem algum aí contigo? Vou ver se vejo um táxi, mas não tenho um puto no bolso, tu tem?

Raimundo acenou que tinha.

e agora, Raimundo, ia se enroscar mais ainda com essa aí, pra que tu foi descontar? mas pra que ela foi se enxerir? mas precisava descontar desse jeito? ave, nessas hora as palavras na cabeça da gente nem pra ajudar com pensamento reto, não, fica amarrando a gente que a gente se enrola mais ainda e não sai do canto, mas o medo, não, esse nem de palavra precisa, é reto sim, afiado, cortando a gente da cabeça até o peito, e se ela morreu? mas está respirando ainda, nunca fui de brigar com ninguém, o que que fui fazer,

— E esse carro, cadê?

— Ali, meu amigo está vindo.

— Me ajuda aqui a carregar ela.

— Eita, bicha pesada, feito homem.

— Só de peito e coxa, olha aí.

como é que vou entrar no carro, entrar no hospital, com uma pessoa como ela? como é?

— Eu dou o dinheiro pra vocês irem com ela, vocês vão?

— A gente tem que ir pra casa, está quase de manhã já, vai o senhor. Foi o senhor que achou ela, pode explicar no hospital o que aconteceu.

é, poder eu podia, mas não ia, Fui eu, fui eu que espanquei ela até ela desmaiar, vou lá falar um negócio desse? vou nada, e se chamam a polícia? onde é que fui me meter, e se ela chamar a polícia? mas lá polícia dá atenção pra gente como ela? era capaz de acharem que ela mereceu e me agradecerem pelo que fiz, e no hospital, será que vão atender ela? o povo já olha pensando coisa ruim, que ela faz coisa errada, quero saber não, se vão atender ou não, chego lá, deixo ela lá na entrada e pego meu caminho, vou embora, inventar uma desculpa pro Alex, outra carga, Sabe como é, Alex, encontrei um caminhão indo pro lado do poente, querendo ir, não conheço as bandas de lá, é só onde não conheço ainda, tudo bem? fique chateado não, era bom levar alguém pra ficar no meu lugar, assim ele se importa menos que eu não espero pela carga dele, ou então vou embora e pronto, pego minha bolsa e vou embora, dar satisfação pra ele pra quê? ele vai ficar falando, Aquele viado do Raimundo, me deixa na mão uma hora dessa, ô povo pra gostar de chamar os outros assim, parece que é par de coisa ruim, traiçoeira, mas falam tanto, ele ia falar, como se ele não fosse também, e depois de terem visto ela e a amiga se engraçando pro meu lado aquela tarde, aí é que ia falar mesmo, Aquele viado do Raimundo! e era mesmo, que que eles tinham que se meter? deixasse ele e a vida dele, o quê, Raimundo? vai lá bater neles também? quantos tu dá conta? essa aí, sozinha, ainda te acertou um chute, imagina tu contra os cabras lá do posto, bem quatro ou cinco, essa aqui é valente,

Suzzanný apagada no banco, a tira de roupa que cobria os seios, torta, Raimundo viu uma cicatriz. A mancha preta do outro lado. A saia, apertada demais, subiu para a cintura, e a calcinha estreita não abarcava mais o pau e o saco. Parte de homem e de mulher no mesmo corpo, de forma tão amostrada, tão de perto, era a primeira vez que ele via.

e se eu gostava de homem, eu era meio assim? meio dividido? eu só gosto de homem, não tenho vontade de ter peito de mulher não, mas

gosto de homem, e tu nasceu com corpo de homem e hoje tem peito de mulher, e tem mulher que gosta de mulher também, a Tiomara, lá do posto, todo mundo diz que ela dá pra macho mas gosta mesmo é de comer mulher, e tudo que tem entre o homem que gosta de mulher e a mulher que gosta de homem, tudo que tem no meio, um meio que foge das pontas ou se disfarça nas pontas, assim, meio embaçado, na penumbra entre a luz daqueles dois postes, tem uns que ficam nela, tem uns que vão mais pra um lado ou pro outro, sem se mostrar de verdade, tem uns que se mostram, ela se mostra, andar desse jeito, mesmo de noite, ela não foge da luz,

— Pode parar aqui, motorista.

o filho da mãe nem pra me ajudar a tirar ela do carro, vou deixar ela aqui na calçada, a entrada é logo ali, daqui a pouco alguém dá conta e te leva, já já amanhece, daqui a pouco alguém aparece, não posso entrar, não posso entrar com você, senão vão achar que foi eu que te bati, mas era eu que estava te levando, né? vão achar o quê? que eu sou teu cliente? ou sou um conhecido? o que eu queria mesmo era que a gente nem tivesse se encontrado, esse povo malda logo, nem que não falem, vão ficar imaginando besteira, que eu gosto de travesti, Olha aí, se faz de homem de dia e pega travesti na rua de noite, Não, moça, fique sabendo que eu gosto é de mulher, nem conheço essa daí, estava passando na rua, vinha do trabalho, sou segurança, sabe? tinha saído do trabalho, ouvi ela agonizando, chamando ajuda, fui lá ver, achei que era um homem, quando vi, era desse jeito aí, moça, olha o inchado aí na barriga dela, deve ser grave, imaginei, aí trouxe ela pra cá, conheço ela não, tenho nada a ver com ela não, sou segurança, gosto é de mulher, moça, viu? não tem como eu entrar contigo, alguém vai te ver aqui e te levar lá pra dentro, e vão te atender? vão te atender? hospital já é uma bosta, vão atender alguém como tu, hein? tu já foi no hospital? te atenderam? acorda, Suzzanný, Suzzanný, se tu morre aqui, mas eu não posso entrar, não posso, já tem os dois caras lá do cine que viram a gente, tem o motorista do táxi, já devem estar tudo sabendo de mim, que nem vão saber lá dentro se eu entrar, melhor eu ir, se alguém aparece e me vê aqui vai começar a perguntar também, é mais gente se metendo na minha vida, fazendo imagem ruim da minha pessoa, tenho que ir, a entrada é bem ali, daqui a pouco alguém passa e te encontra aqui na calçada.

Costela

Uma costela, quebrei uma costela tua com meu chute, pensei que tinha era te matado, sei lá, Está doendo? pergunta mais sem fundamento, vou perguntar isso não, esses ferros saindo assim da barriga dela, só pode é doer, mas pelo menos está respirando normal agora, quando te trouxe pra cá tu respirava ligeiro, assim pela metade, não podia te deixar na calçada, o doutor falou que era por causa da costela quebrada, tu não conseguia abrir direito o tórax, vai ficar aí? nem olha na minha cara, não fala nada, se você também não falar palavra, Raimundo, finalmente ela calou a boca, será que é por conta da dor? deve estar doendo é muito, pra ela ficar calada assim, eu fiquei morto de medo, Francisco, que tivesse feito uma besteira maior, sim, porque besteira grande eu já fiz, bater em você daquele jeito? tanto medo, essa história de medo, não era medo que levantava o braço do pai? ele enfiou esse medo em mim, foi escorrendo do braço dele pelo cinturão e entrou nas minhas costas, ele é minha espinha, nele que me sustento, agora estou usando ele pra machucar os outros? fiquei com medo de tu falar de mim, onde me conhecia, pra outras pessoas, ia desgraçar com minha vida, cair na boca do povo, depois desses anos tudo conseguindo me esconder? ela não vê que isso ia me fazer mal? pra que tinha que inventar? fiquei acuado, ora mais, me protegi, me protegi, foi, mas não precisava bater daquele jeito, e se ela não tivesse apagado, era capaz de eu ter batido mais, mas quando vi ela lá, estirada, sem vida, o medo me parou, quantas caras tem o medo? ela não vê isso? e daí que ela não tem medo, sai desse jeito, com corpo e roupa de mulher, todo mundo achando que tem é um homem debaixo, ela tem que achar que todo mundo é igual? pois não é não, ela não vê isso, ela que é diferente não vê que não sou parecido com ela? ou

talvez ela veja que sou? como é que pode? e agora? pra saber se bati nela porque era parecida ou diferente de mim? não sei qual dos dois é pior, e se o pior tivesse acontecido? do jeito que eu estava, podia ter descontado o medo todinho em cima dela, e toda vez ia ser isso? naquela primeira noite, já senti vontade de dar uns tapas nela, pra calar a boca dela, já tinha começado aquela noite, aí ela me aparece e começa a espalhar o que não deve, me deixa encurralado, a saída ia ser partir pra cima, toda vez? fosse ela ou fosse outra pessoa? e ela não vai falar nada? será se vou embora? está com a cara emburrada, também, Raimundo, tu queria o quê?

— Francisco,

— Meu nome é Suzzanný.

— Mas, no teu documento, a moça da recepção disse que era Francisco.

— Eu estou aqui na tua frente e estou te dizendo que meu nome é Suzzanný, nada de Francisco. E se me chamar de Chico!

— Tenho que ir, estão me esperando lá no posto. Eu tive que assinar, assinar não, é modo de falar, que eu não sei assinar, mas eu coloquei o dedo num papel aqui do hospital, exigiram pra te atender e tudo, mas eu tenho que ir agora, vou avisar a moça da recepção que tu vai arranjar outra pessoa pra te ajudar.

— Tu não sabe assinar o nome?

— Sei não, é, não sei assinar o nome, não, e vem me perguntar isso por quê?

sim, é, pois é, não aprendi quando era menino, e tanta vida sendo chapa, não paro muito tempo no mesmo lugar. A precisão aparece é muito,

que nem ontem quando a moça da recepção me entregou um papel, uma ficha, ela disse, e eu tive que olhar pra ela enquanto olhava pra minha vida todinha sem poder ler, até abaixar a vista pro balcão encardido e dizer que não conseguia ler nem escrever,

e a vontade também aparece que tu não sabe o tanto, mas queimar pestana com letra nessa altura da vida? Então, eu estava dizendo, tenho que ir. E, moça, me desculpe.

— Está se desculpendo por quê? É medo que eu vá na polícia?

— Medo eu tenho, mas estou me desculpendo porque acho que devo, é isso.

— E pra mais quantas como eu tu já pediu desculpa?

— Mais quantas, como? Sou disso não, de sair batendo nos outros.

— Sei.

— Verdade. E eu só

— Precisa me dizer mais nada não, nem fazer mais nada não. E diga lá no caralho da recepção que não tem ninguém que vai vir assinar porra nenhuma, que eu fico é sozinha.

pronto, cada um segue sua vida agora, qual o problema ela ficar só? aquela amiga dela, como era o nome? Márjore, Nárjore! qualquer dia ela aparece, eu tenho que cuidar, amanhã parto com o Alex, isso tudo fica pra trás, e vem logo acontecer quando estou mais perto do meu interior, é pra se juntar a tudo que eu trouxe de lá, pois que fique tudo aí, nessa mesma trouxa que carrego desde que saí de casa, um tanto mais de peso, aguento, já aguentei até hoje, estou precisando é carregar um caminhão, sozinho, com madeira ou com ferro, a carga do Alex é caixa de biscoito, arre égua, coisa maneira, serve nem pra distrair, mas talvez seja melhor mesmo, essa dor na espinha de novo, e ainda é só amanhã, tem a noite todinha, dormir debaixo da carroceria, catinga do óleo diesel, zoada dos carros passando na BR, se vou pra dentro do baú é um calor, aí que não durmo mesmo, passar a noite acordado, nada pra fazer, eu podia ir no cine, aproveitar, vai ser mais de uma semana na estrada, será se pra onde o Alex vai tem cine? podia ir no cine agora, ajuda a esquecer, deixar o sangue tomar de conta, ficar sem pensar na vida enquanto chupo um cacete, ruim é que depois que o sangue abaixa, a vida está lá, toda esportada na cara da gente de novo, e de um jeito pior ainda, que não sai com água e sabão, não sai quando eu saio de lá, não sai quando eu me afasto de lá, não sai quando pego a estrada pra outra cidade, e a trouxa aumentando, e agora essa travesti, e se ela for mesmo na delegacia, será que iam deixar ela falar? e se deixarem, vou ficar igual ladrão fugido da cadeia? mas ela só sabe meu primeiro nome, tem muito Raimundo por aí, mas tem a ficha do hospital, tem meu nome, a moça escreveu, tem até meu dedo, Mas o homem que atacou ela foi o mesmo que levou ela pro hospital? Negócio estranho, é, talvez nem acreditassem nela, mesmo assim ela ia falar meu nome, um ror de gente ia saber, que ela ia falar que tinha me visto no cine pornô, pronto, Raimundo viado, que todo mundo sabe que no cine só tem gay mesmo, e de um dia pro outro, bastou um dia

depois de vinte e seis anos pra essa Suzzanný me aparecer e um monte de gente ficar sabendo ou pensando essas coisas de mim, gente de fora do cine, que lá dentro, gente lá de dentro não importa, era igual a mim, ruim é o povo de fora, que não sabe que poso de homem que gosta de mulher, ficar sabendo que gosto mesmo é de homem, parece que estou nu na frente deles, atracado com outro macho, como se eu fizesse isso fora do cine, fora do cine só com Cícero, com Cícero era no meio do mundo, no meio do mato, mas era escondido também, e se eu estivesse com Cícero ia ser escondido ainda? sei lá, nem tenho como saber mais, o que sei é de agora, e agora era só no escuro, dentro das paredes do cine, não posso voltar lá hoje, vou direto pro posto, arrumar outro chapa pro Alex, não vou viajar com ele amanhã.

Casa

Raimundo e Suzzanný estavam na festa de São João da turma da escola.

— Raimundo, as camisas que tu fez, ficaram boazinhas.

— Obrigado, dona Teresinha.

— Ele só costurou, quem escolheu o tecido foi eu.

— Mas o tecido, também, é lindo, Suzzanný, está tudo lindo, sei do seu bom gosto. E essa fogueira, olha aí, quanto tempo que eu não via uma fogueira dessa, coisa mais linda!

Fazia quanto tempo que Raimundo também não via uma fogueira daquelas e não ouvia aqueles estalos?

Será se é verdade? seu Baraúna é conhecido na redondeza pelas histórias que conta, em qualquer lugar, qualquer hora, não é só na noite de São João derredor da fogueira não, um dia desse jurou ter visto lobisomem, bem na hora que voltava a ser homem, É porque estava amanhecendo, ele só fica transformado de noite e noite de lua cheia, mas o lobisomem mesmo ele nunca viu, e teve também de ver uma cobra entrar no rio e depois sair uma mulher, É verdade, e ela percebeu que eu estava ali perto, olhou pra mim e eu vi os olhos dela, um verde, outro preto, era bruxa, se era de verdade ninguém sabia, mas era bom de ouvir,

— Será se é verdade? A pessoa se transformar em outra?

— É verdade, Cícero.

— Deixa seu Baraúna falar, Cícero.

— Está certo, Gaudêncio.

e ele sentado do outro lado da fogueira, era assim, com gente perto, não dava pra ficar muito perto um do outro, Porque junto demais, toda hora, vão perceber, Gaudêncio, aí ele sentou do outro lado, o fogo entre nós dois,

— Pois, escute, escute, você sabe se um dia não vai querer ser outra pessoa?

— Estou escutando, pode continuar.

— Brinque não, Cícero, com coisa assim não se brinca.

— Brinco não, pois fale aí, macho!

Cícero dando corda sem acreditar, sem nem ouvir, eu também, só ouço é a lenha estalando, e vejo o brilho da brasa nos olhos dele, esquentando tudo aqui dentro, melhor não ficar olhando,

— A Marcinha pode ouvir?

— Quem é que vai me tirar daqui, Raimundo?

— Tu pode se assustar, minha irmã.

— E tu acha que ainda acredito no faz de conta do seu Baraúna?

— Eu conto ou não conto?

— Se avexe não, seu Baraúna.

— A gente presta atenção agora, né, Cícero?

— Pois então, faz uns dez anos, eu estava voltando da casa da Toinha, antes da gente se casar. Vixe, que quando a gente é novo qualquer minuto de aconchego é uma felicidade,

é sim,

e eu fiquei lá na casa dela, me enchendo de felicidade, e os minutos foram passando, ficou tarde, perto de meia-noite. Quando o pai dela me deu um boa-noite assim como quem diz, Tu vai ficar a noite toda aqui, cabra safado?, foi o jeito eu soltar a mão da Toinha, a mão, viu, Marcinha? A mão!

ele se faz de sério, que ia contar uma história de dar medo, e fica com piada, mas era bom, que a gente ria, já que medo mesmo não dava muito,

Vão rindo, vão rindo, deixe estar. Eu peguei a estrada, ali, onde fica a casa dos pais dela, pouco antes do corredor que vai dar na cacimba do finado Juacir. Foi chegando perto de um pé de oiticica que parei. Me lembrei da história que um conhecido meu tinha me contado. Olhei pro céu, rezando pra achar a lua, porque ele tinha dito, É numa noite escura, de lua nova, perto da meia-noite, debaixo de um pé de oiticica.

Agora deu, eu pensei, não tinha lua no céu, era perto da meia-noite e eu a ponto de passar debaixo de um pé de oiticica. Olhe, essa estrada toda da cor dessas cinzas, nem uma vivalma pra me fazer companhia, não escutava nem piado de bicho, só um sopro de vento no mato. Eu não podia voltar pra Toinha, o que ela ia pensar de mim? Ela e o pai dela, Além de safado, frouxo! Podia nada. E frouxo eu não sou. E a história desse meu conhecido na cabeça, Olhe, não passe pela oiticica, vá por mim, foi conselho dele, que numa noite de lua nova, à meia-noite, debaixo de um pé de oiticica, o diabo te espera. Não tinha jeito, eu tinha que passar. Alarguei o passo, mas o diabo da árvore não tinha fim, logo ali, bem pertinho da estrada cruzar o corredor, vocês sabem, tem três oiticicas, uma encarreada da outra, Me lasquei, vai ter um diabo debaixo de cada uma!

até Marcinha ri das marmotas que ele conta,

Ache graça não, que agora o negócio fica sério. Pois eu continuei, fui andando, assim quase correndo, não quis correr pra não fazer muito barulho nas pedras da estrada, vai que ele estava dormindo. Mas estava nada. Chegando no último pé de oiticica, um estalado congelou minhas pernas, eu não tinha mais olho pra arregalar. E a história agourenta do conhecido na minha cabeça, Ele vai aparecer assim, se tu ouvir um barulho no mato, como quem pisa em folha seca, danou-se, porque é ele. Era a pisada direitinha que eu estava escutando, e eu fiquei parado ouvindo ele se aproximar. Menino, eu sou homem macho, olhe que não tenho medo de muita coisa, e no começo eu estava até curioso, mas quase me mijeí todinho. Aí o barulho parou, e eu senti que ele estava bem atrás de mim, o bicho tinha uma respiração arranhada, devia ser porque só respirava o ar do inferno. Não olhe pra ele, meu conhecido me disse, se tu ainda não correu, não olhe pra ele. Mas uma chance dessa na vida, de ver o demo assim cara a cara, a gente não desperdiça, que história eu ia contar pra vocês? Pois eu me virei, mas não vi nada! Achei que devia ser imaginação, vocês sabem, porque a história não saía da minha cabeça. Já ia tomar meu caminho, quando eu ouvi o coisa falando com uma voz grossa, de locutor de rádio, Quem você quer ser? Aí, pronto, o conhecido meu não estava inventando, mas não tinha ninguém na minha frente, só o mato rasteiro coberto do escuro da oiticica. E eu com um pé querendo ficar e o outro querendo debandar dali. Mas uma chance dessa na vida, de falar com o

demo assim cara a cara, a gente não desperdiça, que história eu ia contar pra vocês? Ia ouvir a proposta dele, era isso. Ele oferecia ser outra pessoa diferente ou mudar o corpo, pra sempre se quiser, mas a cabeça fica igual, meu conhecido tinha me dito, a cabeça fica igualzinha, pra você se lembrar que tem uma dívida. Eu quero ser mais alto, eu disse, pode deixar a cara feia e o porte de sibite baleado, sou magro mesmo, mas ser baixo demais é osso. Mas e o povo não nota que vou estar diferente? E ele me disse que ninguém ia estranhar porque iam achar que eu sempre fui do jeito novo. O bicho era danado, fazia o serviço bem-feito. O que tu quer em troca? Seu conhecido não disse o que peço em troca? Meu irmão, nessa hora me tranquei todinho, que não passava uma linha. A alma, mas é claro, ele dizendo. Eu topo. Um palmo está de bom tamanho? Bote logo dois, pra garantir que eu ficava pelo menos batendo nos beiços da Toinha. E eu só me lembrando da conversa com meu conhecido, E como fecha o pacto? Aí eu não sei, meu conhecido respondeu, porque quando o diabo falou em alma, eu iniciei carreira, que história de alma não é comigo. Sem saber o que acontecia, perguntei. Eu tenho um toco de fumo, está apagado, o zebu respondendo sem eu ver o desgraçado, você só precisa acender e dar uma tragada para mim, e quando você sair de debaixo da última oiticica, vai estar dois palmos mais alto. E se eu disser pra vocês que eu estava sem fogo? Ainda raciocinei se devia continuar com a conversa, e quando ele percebesse que eu não tinha fogo coisa nenhuma? Mas uma chance dessa na vida, de acender um cigarro mágico pro demo assim cara a cara, a gente não desperdiça, que história eu ia contar pra vocês?

eita, que a roda ficou quieta, Marcinha parece que esqueceu as piadas, abraçando os joelhos, até Cícero está concentrado,

Então, eu fiquei esperando, aí eu ouvi de novo os gravetos estalando, os ramos de planta se mexendo perto do tronco da oiticica, mas o bicho era lesado, vinha se arrastando, e eu metade coragem e metade covarde, se ele pegasse minha alma ali mesmo? E quando descobrisse minha mentira? Essa de passar a perna no cão! Então não tinha mais graveto sendo pisado nem vento bulindo nos galhos, e vocês não acreditam no que eu vi, porque eu mesmo só acredito porque era eu que estava lá: um boi preto, em pé nas duas pernas traseiras. Ficou na minha frente um pedaço, depois caiu e ficou nas

quatro patas, fumo pendurado na boca. Olhou pra mim, parecendo gente, esperando eu concluir o pacto. Eu tive que revelar a verdade, O moço vai desculpar, mas esqueci o fogo em casa. O boi bufou, bufou de sair fumaça da venta, deu um impulso, se levantou nas duas patas de novo e mugiu, mugiu brabo, assim como quem diz, Tu vai ficar a noite toda aqui, cabra safado?

Tinha acreditado não, ele me disse no milharal no outro dia, Estava só pensando na história dele, de poder mudar a nossa pessoa, já pensou se fosse verdade, Gaudêncio? E pra quê, Cícero? Sei não, só pensando, Aquilo é conversa do seu Baraúna, fazer a gente mudar de corpo, nem o diabo,

O cirurgião era médico falso, mas um deus grego, me deu meus seios, quase de graça, rezo pra ele até hoje, tu gosta, Raimundo? De quê? Dos meus peitos? De mulher, nem natural, Suzzanný, Entendo, também gosto de peito de homem, era bom conversar com ela desse jeito, de verdade, sem ficar pastorando as palavras, tinham um som diferente quando eram iguais às palavras de dentro de mim.

— Tu vai ficar aí, sem dizer palavra?

— Que que tu veio fazer aqui?

— Tu falou que não tinha ninguém pra vir aqui, e a moça do hospital disse que tem que ter uma pessoa como contato, eu fui pedir pra ela me tirar, mas ela pediu outro nome, e tu falou que não tinha, então ficou eu mesmo, então eu vim aqui, porra!

Ela vai logo botando banca, nem me queria por perto, já vim aqui mesmo, já me viram com ela, que custa ajudar, vou ajudando,

— Tu veio aqui porque acha que vou te denunciar, Raimundo?

aí, Raimundo, o que tu queria saber,

— Suzzanný, eu já pedi desculpa, eu não sou de sair batendo em ninguém, não.

já tinha dito isso? nem lembro, se não, disse agora, se disse, repetia pra ela acreditar, e eu fiquei mal com isso, tu estava só aqui, podia

precisar de alguma coisa, eu vivo só, viajando, não sou falta pra ninguém,

— Tem medo não que te vejam direto do meu lado?

— Vim trazer as coisas que a moça pediu, gastei um dinheiro aí e tudo. Quando fui lá na casa do endereço que tu deu pro hospital, eu fui pegar roupa pra tu, a dona da casa veio me cobrar o aluguel, quem já viu? Eu expliquei que tu estava internada, mas ela quis saber não, Vixe, se for aquela doença que dá nesse tipo de vocês, diga pra Suzzanný que venha me pagar mas arranje outro canto pra ficar, mas venha me pagar ou eu vendo as coisas dela que ficaram aqui, só deixou eu sair de lá porque dei quase metade do aluguel, Leve só duas peças, senão eu fico no prejuízo, e deixa a maquilagem aí, essa é que ela vem pegar mesmo.

— Aquela velha. Mas diante do que tu fez.

— Eu sei.

— E como é que vou pagar essa velha quando eu sair daqui? O doutor disse que eu tinha que ficar dois meses de repouso, Está me vendo não, doutor, ficar de repouso eu morro é de fome.

— Tu conversa com a velha lá.

— Aquela lá só conversa com dinheiro na mão. Barroca mal-amada daquela.

como fica então? desisti de viajar com o Alex, estou sem trabalho há mais de semana, a gente tem que resolver logo isso, meu medo não é tu me denunciar por ter te batido, o negócio é que vão querer saber por que estava contigo, de onde a gente se conhece, e uma coisa vai puxando a outra até chegar na minha pessoa, minha pessoa mesmo, tu sabe, já basta o povo do hospital me vendo contigo, que devem estar pensando e falando por trás, já tem a velha da casa, e tem uma cara de fofoqueira, vou ser assunto, Namorado da Suzzanný! já basta esse povo suspeitando, chegar na polícia, aí, pronto, é que todo mundo vai saber mesmo, tu denuncia, vá lá, mas diga que eu queria te roubar, não fala nada do cinema, que eles vão saber, e mesmo que eu vá embora, fique viajando, não vou ficar com mais outra cruz nos ombros não, de aflição já tenho a minha, medonha, coisa de não saber, vou ficar andando pelo mundo achando que a polícia está no meu encalço? isso não, uma cruz já me basta, eu vou é contigo na polícia, vou lá contigo, mas tu não pode dizer a verdade, E tu está com medo é disso? É, diga

que estava te roubando, ou inventa outra coisa, Eu vou falar é tudo! do jeito que ela é braba,

— Se preocupe que vou na polícia não. Pra ser igual das outras vezes? Ficar ouvindo conversa de canto de sala, que estou me fazendo de vítima, querendo prejudicar algum pai de família? Eles não fazem nada mesmo. Três vezes! Três vezes! Um mesmo animal que eu tinha feito boletim de ocorrência e tudo me bateu três vezes. Monte de amiga minha que foi pra noite e amanheceu na sarjeta com a boca cheia de formiga, e eles mal dão um papel pra elas não serem enterradas como indigente. Tem justiça pra nós ainda não, só a justiça que eu mesma me faço, me levantando da cama todo dia.

dava pra eu ficar ajudando ela até ela poder voltar pro trabalho dela, ajudar ela a se levantar,

— Tu não tem casa não, Raimundo?

— Tenho não, vivo por aí, casa pra quê?

— Como eu vou me virar quando sair daqui? Se eu ficar na casa da velha não vou ter como pagar nem minha comida, aquela velha não divide nem pão dormido, e tu viu, ela só vai deixar eu entrar se eu pagar, vou ficar na rua, adoentada e na rua.

— Eu te ajudo, não tenho muito não, chapa ganha uma miséria, mas gasto pouco, eu pago o resto do aluguel, arrumo algum trabalho pra fazer, te ajudo esse tempo de repouso.

já dispensei mesmo a viagem com o Alex, disse que ia pra casa daqui uns dias mas ia nada, a casa vai ser mesmo é um quarto na residência da velha.

Ainda estou agoniado com essa história, mas foi bom ter parada fixa um tempo, canto pra ficar, dormir numa cama que preste, mesmo essa, colchão puído, mas é uma cama, faz bem pra dor nas costas, dormir debaixo de um teto, e tem banheiro que não é público, quase trinta anos de chapa, podia mesmo era arrumar um canto pra ficar, esse quarto não, uma casa, uma casinha alugada, tem um conjunto residencial aparecendo por aqui, foi Suzzanný que disse, eu ia trabalhar com o quê? Tu só sabe carregar peso, Raimundo? Acho que só, sei não, mas aprendo a ser outra coisa, servente, posso ser carregador de feira também ou no mercado, se não precisar de estudo

eu dou vencimento, mas e as costas? aguentam quanto ainda? E tu, vai voltar pra vida quando ficar boa? Sei não.

E um mês foi passando, foi não? a casa é antiga mas ajeitada, e a velha era avarenta sim, mas fazia um baião, Com o prato desse tamanho, vou cobrar em dobro, Raimundo, Coma, Raimundo, escute essa velha não, vai se aquietar, velha, só o que presta é a comida, pudesse já tinha ido embora dessa espelunca, Suzzanný só falava da boca pra fora, gostava de dona Solange, O anúncio era, Aluga-se quarto para moça, para moça, viu, Raimundo? aí me aparece a Suzzanný, deste tamanho, se dizendo moça, ela aceitou, precisava do dinheiro e de uma companhia, Suzzanný precisava de um teto, a velha não se incomodou com a vida dela, Essa bicha já me perturba há mais de quinze anos.

— E essa máquina, dona Solange?

— Que que tem?

— Bicha bruta.

— Bicha aqui é tu, e tu, Raimundo.

— A senhora costura?

— Pra passar o tempo, arrumar um troco, mas ela deu o prego, não fui atrás de ajeitar.

— Posso dar uma olhada?

Dois meses, fiquei até melhor das costas, e foi bom pra treinar costura, é bom conversar com elas também, mesmo levando patada da dona da casa, era bruta mesmo, mas na hora de pedir era sonsinha, no fim acho que ela era muito esperta, tinha que ser mesmo, viveu sozinha muito tempo, já depois de idosa, e acho que ela está gostando desse tempo meu aqui também, mas eu tenho que decidir minha vida, Suzzanný está quase boa, eu tenho que decidir se vou voltar pra estrada ou se fico por aqui, talvez com alguma coisa de costura, e homem costurando? dona Solange mesmo disse que só conhecia costureira mulher, Mas tem de tudo nesse mundo, Raimundo, pode ser que dê certo, eu já estou velha pra costurar, a vista não dá mais conta,

fique com a máquina pra tu, te vendo baratinho, de graça ela não ia dar de jeito nenhum, dava pra ir pagando a máquina com o dinheiro que ganho ajudando num mercadinho aqui perto e consertando as máquinas de umas conhecidas dela, já fiquei foi tempo demais aqui, mas foi bom que ela me ensinou mais, usando meus olhos pra fazer as coisas dela, ela ia me dizendo o que eu tinha que fazer, fui aprendendo, ontem ficou até tarde da noite comigo pra me ensinar a cortar blusa de manga comprida pra mulher, hoje diz que acordou indisposta, e é dia de feira, pediu pra Suzzanný ir no lugar dela, Suzzanný vem me chamar pra acompanhar, Pra trazer as coisas, tu acha que vou botar muita força? vai que o remendo da costela se parte, vou ficar guenza por tua causa não, ande logo, história dela, e dona Solange nem pra me ajudar a sair dessa, sair na rua de novo com Suzzanný, dentro de casa era uma coisa, mas na rua, ela percebeu que eu não queria ir, mas quem disse que ligou pra isso? insistiu, que ela era briguenta, ficou ela de um lado e dona Solange do outro, zoadando que já era tarde, não tinha a mistura do almoço, E eu não vou pagar comida de fora pra vocês dois não, foi o jeito eu vir, de má vontade, vou nem mentir, que estava tudo certo das paredes da casa pra dentro, essa história de sair com ela na luz do dia, ela inventa essas coisas pra me perturbar, ainda mais numa feira, Tem é pouca gente na feira, podia ter dito isso pra ela, aí é que ela dava um jeito de me trazer mesmo, que a bicha é implicante, ninguém falou nada ainda, ela já escolheu as frutas, está pegando os legumes, vai levar uma tilápia pra fritar e comer com farofa,

— É bom, né não, Raimundo?

deixa de conversa, Suzzanný, não sei que tanta demora é essa pra escolher batata, cenoura e jerimum, e ainda me inventa um peixe, lá do outro lado das barracas, um ou outro feirante que ainda fala com ela, perguntando pela dona Solange.

— Está indisposta.

— Ela podia estar indisposta mais vezes, toda vez que vem aqui pechincha, pechincha até eu vender o quilo mais barato do que comprei.

— Bom saber, pois eu quero dois quilos da batata-doce, mas nesse preço aí que você faz pra ela. Faz pra ela, não vai fazer pra mim por quê? Olhe que eu digo que me vendeu mais caro.

— Égua, Suzzanný, é a convivência?

Aleluia, o caminho já perto de chegar em casa, tira a mão do meu ombro, Suzzanný,

— Calma, bicha asilada, quero só me apoiar pra ajeitar a fivela da sandália.

mas precisa ficar me pegando?

— Raimundo, dona Solange pediu pra comprar o colírio dela. Aqui a receita e o aqué, entra aí na farmácia e compra. Me dê que eu seguro as bolsas.

— Vai tu que é mais fácil, eu espero aqui.

— Ô bicha teimosa, vai logo, Raimundo.

Ela me chamou de bicha no meio da rua, desaforada, sentou na calçada com as bolsas do lado, quando entrei na farmácia entendi por que ela mandou eu entrar no lugar dela, Desculpe, senhor, mas vou pedir para o senhor se retirar do nosso estabelecimento, É o quê? eu preciso desse remédio aqui, a desgraça do balconista nem pra pegar a receita, só olhou pra minha cara e olhou pra fora, pra Suzzanný, O senhor pode se retirar, por gentileza?, na maior cara-lisa, Posso não, senhor, que eu estou precisando do remédio e vocês vão me vender, quero de graça não, aqui o aqué, ou, o dinheiro, Senhor, esse remédio está em falta, nem leu a receita o condenado, outro balconista se aproximou dele e ficou falando a mesma coisa, pra eu ir embora, e eu sem entender, Rapaz, pois eu só saio quando tu ler a receita, a resposta de lá veio com o balconista mais parrudo me apertando no braço, me arrastando pra porta, Me solte, tu, que não sou tua quenga, puxei meu braço com tanta força que o cotovelo bateu na quina do balcão e cortou, deu tempo nem de sentir essa dor, porque doeu mesmo foi a mão fechada dele bem no meu olho esquerdo, fiquei zozzo, ele aproveitou e me empurrou pelos peitos, depois pelas costas até eu botar os dois pés na calçada, caí sentado, o outro balconista veio ficar na porta também, tinha dois clientes lá dentro, ninguém disse nada, me levantei e ainda dei um passo pra entrar lá de novo, mas Suzzanný me segurou pelo ombro, Filhos da puta, pois enfiem esses remédio tudinho no rabo, né não, Raimundo?, e a gente desistiu, Achei que tu eles iam

atender, mas já perceberam que tu quebra a munheca também, Raimundo?, era isso? porque tinham me visto com ela? Nem dona Solange consegue mais comprar aqui, eu já descí o barraco nessa farmácia, quebrei prateleira, mas eles não me atendem de jeito nenhum, vamos embora, que porra foi aquela? tive que ir atrás de outra farmácia, longe que só, consegui comprar o colírio, fiquei com o corte no braço e o olho roxo e a situação todinha na cabeça, no fundo acho que eu sabia que podia acontecer, mas viver mesmo, e do lado de cá do balcão, era outra coisa, e não chega nem perto do que Suzzanný deve ter sentido, fora a costela, eles podiam fazer aquilo? devia poder, a farmácia era deles, mas eu não ia pagar como todo mundo? pronto, Raimundo, tua fama já está feita por aqui, é melhor pegar a estrada mesmo, voltar a andar em vez de ficar num canto só, mas estou satisfeito de parar, parar de rolar feito seixo carregado pelo rio, era bom ter um lugar pra chamar de casa, e gosto de costurar com dona Solange, mesmo com a impaciência dela, gosto de morar com as duas, mas ficar aqui está começando a cobrar um preço, elas pagam um preço, claro que pagam, mas vivem em paz com elas, e eu fico mais em paz comigo também, se eu voltasse a ser chapa, a vida toda de antes ia voltar? talvez, porque eu não podia ficar com os motoristas do mesmo jeito que fico com elas aqui, nem do mesmo jeito que fico comigo aqui, e ia voltar a carregar peso, deixar a costura, que pode até servir de trabalho, dar sustento, tenho que saber é se estou disposto a pagar o preço, como elas, o diabo cobra a alma pra mudar a gente, e não é o que esse mundo está cobrando? não acreditava muito nas histórias do seu Baraúna, nem Cícero acreditava, mas essa história de mudar ficou na cabeça dele sim, hoje em dia é que não acredito mesmo num conto daquele, mas não tem jeito não, que cada um cruza com seus pactos nessa vida, meu tio perdeu a vida por enfrentar o dele, Suzzanný deu uma rabiçaca no dela, dona Solange também, quando aceitou ela dentro de casa, e tu, Raimundo? não tem oiticica, não tem lua nova, não tem diabo, mas tu está na tua encruzilhada.

Cinco anos com elas duas, dona Solange decidiu vender a casa pra morar com a irmã no interior, A gente aluga uma casa lá do conjunto, né não, Suzzanný?, ela tinha parado com os programas, E também esse

povo só gosta de gente nova, carne dura, me ajudava com as encomendas, mas todo mundo achava que era dona Solange que costurava, a pobre quase cega, esse povo que é muito cego, isso sim.

— Perainda.

Suzzanný se apoiou no ombro de Raimundo para tirar os tamancos.

— E tu acha que ainda tem idade pra andar com isso, Suzzanný?

— Não está doendo não, é esse calçamento, fica ruim de andar.

— Gostou da festa?

— Foi boa sim, mais animada que do fim do ano.

— Também achei.

— Bem sei que tu gostou, me tirou pra dançar.

— E danço bem ainda?

— Dança sim. Quem te ensinou, foi o tal do Cícero?

— Nada, aprendi dançando com mulher mesmo, naquele tempo um homem dançar com outro homem? Existia não. Mas ele dançava que só, melhor que eu, fazia era fila de moça pra tirar uma música com ele.

— Tu não tinha ciúme?

— Um pouco, mas ele me dizia que dançar não arrancava pedaço, E sou inteiro teu, não sabe?, ele me dizia.

— Esse Cícero, não sabia era o que queria.

— Tu já vem com essa conversa, Chico?

— Ave, parei, estou só dizendo. E a carta? Faz quase um ano e meio que tu estuda. Tu já escreveu cartão, bilhete pra turma, até redação. Falta o quê?

— E esse diabo só muda o corpo?

— E tu queria mais o quê, Cícero?

que que Cícero está pensando?

— Sei lá, seu Baraúna, podia mudar dentro da gente, o coração ou a cabeça, pra esquecer coisa ruim?

— Pois quando tu encontrar com um, tu pergunta.

— E tu quer mudar a cabeça ou o coração, Cícero?

eita que a pergunta se meteu na frente do pensamento.

— Não, Gaudêncio, só perguntando aqui sobre a história do seu Baraúna.

as folhas dos pés de milho pinicavam os braços da gente, e a conversa de Cícero na fogueira pinicando dentro da minha cabeça, E que história foi aquela de mudar as coisas de dentro, Cícero? Mas tu não entendeu, eu queria mudar minha cabeça pra não pensar mais que é errado, deixar ela igual ao coração, era isso.

— Falta estudar mais.

— E tu vai ler essa carta só depois de fazer faculdade?

— Exagerada, tu.

— É não, é exagero não. Mais quanto tempo vai levar isso, Raimundo? Desse jeito! Parece que tu se agarra a um negócio e não quer que ele se acabe. Foi assim nessa tua história com Cícero, que te deixou lascado, foi assim quando tu se escondia, foi assim pra decidir estudar, e está sendo assim com essa carta. Tu já viu que não tem jeito, não tem, a mudança vem, ou a gente correndo atrás dela ou ela atropelando a gente com tudo, sem pedir pra sair do meio. E é bom que venha mesmo, que o fim certo é que é bom, é o fim certo que empurra a gente, não fosse a certeza do fim, a gente ia viver igual todo santo dia?

Rio

Não tem mais a cruz, ela ficava aqui, foi aqui a última vez que a gente se viu, tu de costas olhou pra mim, era meio-dia, como agora, e como no dia que eu passei aqui depois de falar com a mãe, ela tinha acabado de me dizer pra pegar minhas coisas, as de fora e as de dentro de mim, e sair de casa, que a casa dela não era lugar pra gente como eu e meu tio, que o pai falou que só tinha um destino certo, ser só a lembrança sombria de uma cruz, nem que fosse a cruz de outras pessoas também, como as de Manuel e Pedro, porque ela falou que foram as minhas mãos, as minhas mãos e as mãos de Cícero, juntas, que pregaram essa cruz de tristeza na nossa casa, que deixou de ser minha casa, na casa dela e do pai, na vida dela e do pai, como meu tio tinha plantado a tristeza e o medo no coração do meu pai,

Se o senhor meu tio fosse vivo, talvez meu pai agisse diferente comigo, percebesse que homem gostar de homem não é pra ser coisa de morte, é pra ser coisa de vida, cheia de vida, era cheio de vida que eu me sentia com Cícero, e o senhor, meu tio, gostou de alguém assim? teve tempo? o senhor devia ser pouco mais velho do que eu sou hoje, se foi perto do casamento do pai e da mãe que o senhor morreu, o senhor teve muita coragem, de falar, de se mostrar, eu nunca tive, nem vou ter, mas de que adianta? de todo jeito parece que a resposta é uma só, se mostrando e se escondendo, é morte e é desavença e é sofrimento, é só coisa ruim que acompanha gente como nós, ainda mais agora que vou pra longe daqui, da minha família, de Cícero, o que tu quer, Cícero? o que tu me diz nessa carta? eu podia ir lá na casa dele, mas não posso, com que cara vou falar com os pais dele? e os

irmãos? devo ter ofendido demais eles, como ofendi minha mãe também, meu pai eu não sei, agora não sei, não, não é por ofensa não, senão ele tinha me escorraçado de casa ou me matado logo como fez o pai dele com o senhor, mas ele me queria dentro de casa, vivo, era vivo dentro de casa que ele queria tirar de mim o que tinha tirado a vida do irmão, mas não foi o vô que tirou a vida do tio? Mas teu avô só tirou a vida do teu tio porque ele era daquele jeito, meu pai podia me responder, se eu perguntasse pra ele, e o senhor, meu tio, o que ia me responder?

hoje não tem mais cruz nenhuma, Marcinha ontem me disse que o pai vinha aqui cuidar, chorar, mas depois que adoeceu deve ter esquecido dela, e como tudo nessa vida, um dia a madeira vira pó e se perde no vento, mas posso ao menos colocar uma papoula onde a cruz ficava, era aqui, deixo uma com o senhor, meu tio, a outra é minha, vou levar com uma muda, um pedaço desse chão, que ficou com tantos pedaços meus, meus e de Cícero, onde será que tu está? tua carta está aqui comigo, não ia deixar ela sozinha em casa, lá na capital, é, morando lá agora, como tinha imaginado que podia morar lá com você, mas não te encontrei pra dizer isso, tu não apareceu, não veio pra cá me encontrar, eu não pude te contar o que eu tinha sonhado pra nós dois, engoli tudo, palavra e sonho com tudo quando eu fui engolido pela sombra que o pai trouxe aqui, mas eu ainda não li a carta, nem ninguém leu, tu sabia que eu nunca ia deixar ninguém ler? eu estava com ela nas mãos quando passei aqui no rio antes de ir embora, como coloquei ela nas mãos tantas outras vezes, e tenho ela nas mãos agora, sempre fechada, com um desejo tão grande de saber o que ela diz mas que ficou sempre no desejo, porque ainda não sei ler nem escrever, tu me falou que ia me ensinar e eu não ia mais ser analfabeto, tu ia se lembrar onde a gente estava? do que aconteceu aquele dia? mas ainda não aprendi, e agora a vergonha ficou maior, que estou mais velho, engraçado eu ter vergonha de ir pra escola, se até a vergonha de gostar de homem eu já perdi, foi, falo pra quem quiser, Sou viado, sim! demorei foi tempo pra ter a mesma coragem que meu tio teve quando era moço, mas ele tinha razão, viu? morreu foi por causa da ignorância do meu avô, e eu saí daqui naquele dia sem saber que ele estava certo,

na verdade saí daqui com a cabeça feita que ele estava era errado, como a mãe estava com a cabeça feita sobre a história dos gêmeos, essa história de cabeça feita é que é o perigo, usar a cabeça feita pra ignorar, rejeitar, eu fui me rejeitando, tu sabe como isso é ruim, Cícero? não sei se tu sabe, não sei que vida levou, se rejeitou outras pessoas também, como eu, e foi mesmo uma dessas que me ajudou, a Suzzanný, será que tu ia gostar de conhecer ela? ela que me ajudou a perder essa vergonha, mas agora tenho outra, de tentar estudar, mas eu queria, quero muito, mas acho que não deve ser só a vergonha, acho que eu queria mesmo era que fosse tu que me ensinasse, já que foi tu que plantou essa esperança em mim, queria que ela brotasse e crescesse de tu, comigo do teu lado, e tudo, tudo que eu aprendesse fosse contigo do meu lado, era assim que tinha que ser, mas tanto da vida já passou e não foi assim que aconteceu, nem vai ser mais, no fundo acho que eu estava com uma vontade escondida, daquelas que a gente finge que não tem mas ela está lá sim, eu acho que estava com vontade de acabar te encontrando nessa viagem e você ia poder me dizer, eu poderia ouvir de tu mesmo o que tu colocou no papel, talvez fosse isso mesmo, mas agora eu sei que não vamos se encontrar, o único jeito é criar coragem de estudar, porque não é só vergonha das outras pessoas não, por ser mais velho e entrar na escola, é não, é vergonha de mim também, se tu disser na carta que minha vida podia ter sido mais como eu queria, nossa vida, vou encarar isso como? eu fui deixando, fugindo, ainda estou é fugindo, fugindo de mim, como fugi muito tempo, agora tento fugir do que vou ser depois da leitura da tua carta, e eu trouxe ela aqui pensando em jogar no rio, tanta vez que já pensei em dar cabo desse papel mas nunca fui até o fim, tenho mais uma chance agora, deixar o rio dissolver e afundar tuas palavras, já que não vou saber mais de tu mesmo, e se eu aprender a ler e puder responder, eu não ia poder te mandar e tu nunca ia descobrir o que eu escrevi, se pelo menos eu soubesse onde tu está, se está vivo ainda, me esperando,

— Tu está esperando uma resposta minha, Cícero?

uma resposta que podia ter te dado naquele dia, mas agora eu estou aqui de novo, na cruz do rio, depois de tanto tempo, e não tenho mais tanto tempo assim, a vida vai se fiando de um dia mais frágil que o

outro, eu preciso alcançar tua carta e olhar pra trás, descobrir o que fiz da minha vida.

Lamparina

Difícil encarar as palavras assim na frente dele. Elas que iriam dizer do amanhecer. Sol aberto, uma claridade de acanhar a vista, ou céu fechado, bonito, que se arruma para esperar a chuva. A madrugada na janela não lhe dava pistas, apenas mostrava que a noite não era sem fim.

A mão esquerda apertava a caneta com força, chega espantava o sangue da ponta dos dedos. Ele entalhava as letras no papel como se soubesse que a carta teria que viver por muitos anos.

A última palavra, seu nome. Dobrou a folha, colocou dentro de um envelope e apagou a lamparina.

— Leva pra ele, Marcinha, por favor. E diz pra ele, diz que ele tem que saber.

Com cuidado, Marcinha guardou a carta dentro do caderno que Raimundo havia lhe dado, abraçou o caderno contra o peito e disparou para casa. Dona Caetana nas plantas, encontrou Raimundo no quarto colocando um punhado de roupa dentro de uma bolsa de palha.

Ele partiu.

A carta, fechada no bolso da camisa, fechada nas mãos de Raimundo ao lado da cruz do rio, na mão direita pendurada para fora da janela do caminhão, dentro da bolsa de palha, nas mãos de Raimundo, as mãos que tocavam Cícero, fechada dentro de uma bolsa de náilon na boleia do caminhão, nas mãos de Raimundo com os pés descobertos por uma onda do mar, de volta à bolsa de náilon, pesada dentro da cabeça de Raimundo com peso sobre os ombros, Cadê a bolsa? Minha carta, cadê minha carta? A bolsa que estava lá na cabina,

cadê ela?, dentro da bolsa dentro do baú do caminhão, fechada nas mãos trêmulas, dentro da carteira dentro do bolso junto ao corpo, o corpo suado, suada, fechada dentro de um saco plástico dentro da carteira dentro do bolso junto ao corpo, o corpo nu, no bolso da calça pendurada num prego na parede do cine, de volta ao corpo, fechada sempre, escura sempre, nas águas que afogam Raimundo em pesadelo, nas mãos frias, dentro do saco plástico dentro da carteira dentro do bolso junto ao corpo, nas mãos de Raimundo com os pés cobertos por uma onda do mar, dentro da carteira confinando os pensamentos, junto ao corpo em fúria, junto ao documento de identidade apresentado ao hospital, nas mãos atadas de Raimundo depois de chegar da farmácia com Suzzanný, Carta é essa, Raimundo?, fechada dentro do saco plástico dentro da carteira dentro do bolso junto ao corpo, fechada nas mãos de Raimundo na casa nova, fora do saco plástico, dentro de uma caixa de sapato debaixo da cama, nas mãos de Raimundo dentro do ônibus, fechada dentro da carteira no reencontro com Marcinha, junto à papoula amarela nas mãos de Raimundo na cruz do rio, fechada dentro da carteira, espremida entre o corpo e o assento do ônibus, fechada junto ao corpo de Raimundo dentro do quarto, fora da carteira, fechada nas mãos, fechada aos olhos de Raimundo, Tu quer aprender a ler e escrever, Gaudêncio? te ensino, de volta à caixa de sapato com a foto dos pais e o certificado de nascimento, na memória no primeiro dia de aula, nas fagulhas que se soltavam da fogueira, nas palavras de Suzzanný, nas mãos hesitantes de Raimundo, na expectativa juvenil que envivece sonhos senis, sob a luz nos olhos de Raimundo, fechada.

Sombras

Ele vai ouvir o que escrevi na carta, vai ouvir e vai entender, ele vai ouvir o que escrevi na carta, vai ouvir e vai vir me pegar, pra gente sair desse fim de mundo e ser feliz, foi isso que ele deve ter pensado, era o que tu queria, Cícero? como tu está agora? dez anos, tu podia estar aqui pra gente fazer no mar, como a gente fez no rio, fazer no mar.

Indecisão é essa! vou ou não vou ler a carta? saber o que aconteceu, e posso até escrever a resposta, nem que ela não chegue nas mãos dele, já consigo ler, leio as perguntas do livro, as atividades que tem lá e tem muita coisa pra ler, li poesia e até livro! livro de criança que a professora Ana levou dia desses, o que tenho que fazer agora é ler e descobrir de uma vez, descobrir Cícero mais uma vez, na minha frente, os pelos do peito descobertos, descendo pela barriga num caminho perfeito da salvação, até os pentelhos ramudos,

Tu podia estar aqui do meu lado agora, vendo o mar, que é parte rio mas é muito maior, é imenso, os rios tudo que partem pra cá, e o rio sabe o futuro que tem? talvez, pelo menos até o horizonte, ou não, nem isso, e nem por isso ele para de correr, como tu está agora? depois de vinte anos, deve ter se esquecido, casado, feito família.

ele vai ouvir o que tem na carta e vai entender, é melhor que seja assim, tem que ser assim, pra onde que isso ia levar nós dois? tem futuro não, é como viver dentro de um buraco, no começo o espaço dá conta, a gente nem percebe o pouco espaço que tem e se satisfaz, se

contenta até, mas com o tempo, depois que já arrodeamos o buraco todinho, a gente começa a achar apertado, sem ter pra onde ir, pra onde se virar, só tem a parede, que tu já conhece todinha, e o chão, que tu também já conhece todinho, só resta olhar pra cima, olha pra cima, Gaudêncio! mas lá em cima você sabe que a gente fica descoberto, sem ter como cobrir nossa vergonha, tu deve ter visto na carta, que eu decidi sair do buraco, foi bom, hoje tenho mulher, filhos, netas lindas, nosso dever no mundo, dever de homem, vou mentir não que tu nunca se afigura na minha cabeça, aparece sim, quando a mente enlinheira com o corpo, me fazendo querer teu corpo em cima do meu, me enchendo os buracos, mas isso passa, passou, depois de velho, fica só de lembrança, não me arrependo, não posso dizer que me arrependo do que escrevi na carta, não, me arrepender da vida dos meus filhos? de forma nenhuma, foi melhor, a gente não sabia o que estava fazendo, não sabia direito onde estava, era um buraco,

eu que nunca saí dele, tu me deixou lá, na margem do rio, e depois, quando estou pra ir embora, chega essa carta tua, Cícero?

— Eu não sei ler, Marcinha, não sei!

— Meu irmão!

— Eu não vou conseguir ler, por que ele fez isso?!

— Ele disse que tu tinha que saber o que está escrito, era importante pra tu, importante pra ele também.

— O que ele quer?

— Só vamos saber se eu ler.

— Da onde que vou deixar você ler? Eu podia era ir lá sem a porra da carta, só com a cara, pra ele me dizer na cara o que tem na porra da carta!

— Raimundo, deixa de ser teimoso, quem sabe tu decide ficar. E essa bolsa cheia de roupa pra quê?

— Tu já sabe, minha irmã.

— A mãe lá sabe o que diz desde a morte dos gêmeos, Raimundo.

— Mas não faz questão de perder mais um filho. Se ela me quer longe, eu vou. Aguento o braço do pai, mas não aguento as palavras da mãe.

— Mas e eu? Vai não, Raimundo.

— Tu me quebra o peito, Marcinha, e saiba que te amo tanto, minha irmã, mas não posso viver mais aqui.

— Leve a carta, pelo menos. Quem sabe um dia ela te ajude a voltar. Volte, um dia volte, Raimundo.

enfiei a carta no bolso, a mãe já tinha me dado a bênção, do jeito dela mas deu, o pai não tinha chegado, guardei minha irmã num abraço e saí, mas não sei se algum dia saí desse buraco,

ele vai ouvir o que escrevi na carta, vai ouvir e vai vir me pegar, pra gente sair desse fim de mundo e ser feliz, quem sabe o que quero pra minha vida tem que ser eu, mais ninguém, ele vai ouvir a carta e vai vir me pegar, já falei com a mãe, ela pediu que eu não fizesse uma loucura dessa, como ela ia ficar sem um filho, mas ela tem meus irmãos, eu não vou ter outro Gaudêncio, só tenho ele, e aqui não dá pra gente ficar junto, que o pai já assinou embaixo disso com meu sangue, e o pai dele com o sangue dele, estou te esperando, Gaudêncio, dez anos e não tive tua resposta, vinte anos e tu não veio, ele foi embora, me deixou aqui nesse buraco, mas não esqueço dele não, ele vem me buscar um dia, quando ouvir a carta, ele vai me procurar e vai me achar e eu vou estar esperando por ele, porque não tem mais ninguém nessa vida pra mim não, então eu espero, que eu sei que quando ele chegar e quando a gente se encontrar vai ser um temporal, uma cheia! vai devastar tudo, passado, futuro, vai ficar só nós dois, o corpo dele em cima do meu, me cavando, esse buraco virou minha cova, está virando minha cova, Gaudêncio, tu não vem me tirar daqui? só tive tu nesse mundo, ainda hoje só tenho tu, e ainda te espero, te espero com gosto, com o gosto do suco do caju que a gente lambia da boca um do outro, eu ia pro rio, eu ia, mas o pai me viu abrindo a porta, mandou eu ir me arrumar e arrumar a carroça que eu ia com ele na rua, eu não sabia mais como que podia te encontrar, pensei em marcar de novo mas achei melhor a carta, a carta que te pedi pra tu ir me pegar, Gaudêncio, que eu estava te esperando com a minha parte da nossa vida, na carta, Gaudêncio, a carta que te mandei, tu não sabe o que a carta diz?

— Vou saber é agora.
arrocha, Raimundo!

Deserto

Tu ia se lembrar onde a gente estava? do que aconteceu aquele dia? eu ia te deixar, depois da moenda do milho que teve lá em casa, era de tarde, de repente tu pegou minha mão, apertou de um jeito, um doer bom, e apertou mais quando apareceu um vulto tremendo na quentura que subia da terra, uma pessoa de bicicleta vinha na nossa frente, a gente não parou de andar nem de segurar a mão um do outro, tu sem dizer nada, eu sem dizer nada, e se fosse um conhecido? eu olhava pra tu e tu com os olhos quietos no longe da estrada, como se a estrada fosse um deserto que tu tinha que vencer a pé, mas numa hora tu me olhou de volta, e eu senti foi tu procurando a mesma vontade em mim, não sei o que tu viu, mas não soltou minha mão, e eu não soltei a tua, a bicicleta chegou mais perto, e deu pra ver que era um rapaz com uma moça na garupa, duas pessoas que iam ver a gente, mas elas não separaram as mãos que tu juntou, e nosso passo ficou mais largo ou foi a bicicleta que se apressou, só sei que ela passou por nós voando, um borrão no mundo arredor, não deu para saber se era conhecido, mas deu pra ouvir, não foi? o rapaz admirado perguntar pra moça se ela tinha visto os dois machos de mão dada, eu pensei que no segundo seguinte minha mão não ia mais estar na tua ou eu queria que ela não estivesse, não sei, mas eu não larguei e tu não largou, e eu fiquei pensando se um dia a gente ia poder fazer do mesmo jeito na frente de outras pessoas, passar pelo mundo de coração e mão dada um ao outro, e naquele instante, tão ligeiro, o tempo menor que o tempo de uma palavra se formar no pensamento da gente, imaginei nós dois juntos, andando na rua, trabalhando, dentro de casa, dentro de uma casa só nossa, uma alegria tão grande, a mesma quando estava contigo, só que agora com todo mundo que a gente gosta também, e se tinha chance

daquilo que eu estava vendo acontecer, depois da gente se mostrar só pra duas pessoas, eu quis voltar pra casa dali mesmo e mostrar pra meu pai, minha mãe, minha irmã, e depois a gente ia na sua casa fazer a mesma coisa, e tudo que estava escondido se desapertava, se soltava sem a gente ter que se soltar, depois de um aperto ainda mais forte, tu me puxou pelo braço, pra beira da estrada, e quando a estrada se escondeu atrás do mato, tu segurou minha cabeça nas tuas mãos e me beijou e me abraçou, e não ficou nenhum pedaço no nosso corpo sem sentir o toque dos dedos e da língua um do outro, depois ficamos sentados um tempo, na margem daquele caminho de pedra, tu pegou um graveto e começou a riscar no chão, tu disse que era teu nome e o meu, eu te perguntei se era difícil ler e escrever, ouvi tu me contar da escola, tua cabeça deitada no meu ombro, tua respiração raspando no meu pescoço, tu me sussurrou se eu queria aprender, que tu me ensinava.

Nome

Tinha que ser a última vez que eu ficava daquele jeito. A carta fechada nas mãos e a decisão pendurada na cabeça. Levantei a aba do envelope e tirei a folha de dentro. Ela sentiu o vento e o sol que batia na janela. Eu só precisava desfazer as dobras do papel. Primeiro a carta ia se abrir como um livro, depois como a tampa de um baú. E pronto. Eu ia poder ver e ler as palavras que ela guardou. Dava pra sentir o vincado da letra no verso da carta, feito eu sentia o alto das veias no braço de Cícero. Teu braço, tua vontade no momento que tu escreveu. Minhas mãos se agonizaram e desviraram a primeira dobra.

Eu tinha carregado a carta e ela que me trouxe até ali. Foi quando escrevi meu nome completo a primeira vez. Pensando que fazia o contrário, eu calava a carta pra sempre. Tu acabou cumprindo o que prometeu. Tu já sabia? Tu já sabia que eu nunca ia deixar outra pessoa ler antes de mim? Levasse não sei quanto tempo eu ia conseguir ler porque era a tua carta?

Fiquei meio encandeado, amassei o envelope apoiando-me no rebordo da janela. A folha na outra mão tremia. O vento queria soprar a metade pra cima e tomar a atitude que eu não tomava.

A carta continuou dobrada, redobrada, mas o peito desdobrou, sei nem quantas vezes, faltava não caber. Agora o lugar dela é em cima da máquina de costurar que era da mãe. Virou desculpa pra Suzzannyfiar conversa. Quem chega, ela mostra e convida pra sentar, pensando na parte que vai inventar. Depois senta também e começa a contar a história da carta. Ela está se esgoelando na cozinha, me chamando pra almoçar enquanto a tilápia está crocante. Daqui a pouco reclama que não saio de cima do caderno novo que ela me deu na noite da

formatura. Falou que era pra eu continuar estudando ou escrever o que eu quisesse. Acho que encontrei um começo.

Agradecimentos

A minha mãe, Mãinha, pela entrega e pela fé em mim (em memória).

A meu irmão, Del, pelos ombros.

A meu pai, Neto (em memória).

Aos meus avós, minhas tias e tios, primas e primos, pela casa.

À Socorro Acioli, por acreditar e me fazer acreditar.

À Lúcia Freitas, por me trazer de volta para a Literatura.

À Julia Bussius, pela edição certa e pelo lindo título.

Ao Fernando Rinaldi, pelo dedicado cultivo do livro.

À Lucila Lombardi, à Márcia Copola e a todos da Companhia das Letras que trabalharam no livro.

À Lucia Riff, pela generosa acolhida.

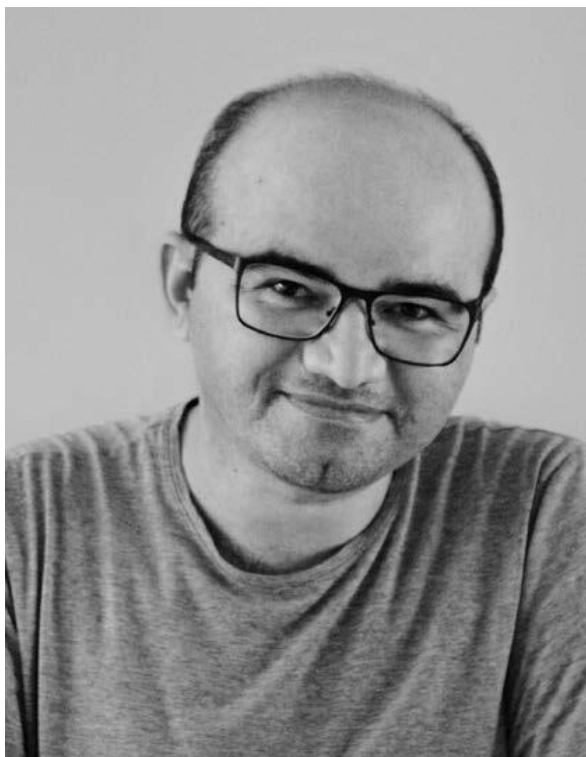
À Vanessa Ferrari, pela leitura transformadora.

Aos amigos do Coletivo Delirantes.

Ao amigo, Ivan Alexandre, e colegas do TRE-CE.

Ao amigo Rivelilson (em memória).

Aos amigos Fred e Jean, por me aturarem.



FERNANDA OLIVEIRA

STÊNIO GARDEL nasceu em Limoeiro do Norte, interior do Ceará, em 1980. Trabalha no Tribunal Regional Eleitoral do Ceará e é especialista em escrita literária. Desde 2017 tem participado de diversas coletâneas de contos. *A palavra que resta* é seu primeiro romance e foi escrito durante o Ateliê de Narrativas ministrado pela escritora Socorro Acioli, em Fortaleza.

Copyright © 2021 by Stênio Gardel

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Índios da meia praia, de Daniela Reis (www.danielareis.pt), 2019. Óleo sobre papel, 70 cm × 100 cm. Reprodução de Bruno Martins (www.brunomartins.pt)

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Carmen T. S. Costa

Márcia Moura

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-157-2

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Olha para o céu, Frederico!

de Carvalho, José Cândido

9788554516079

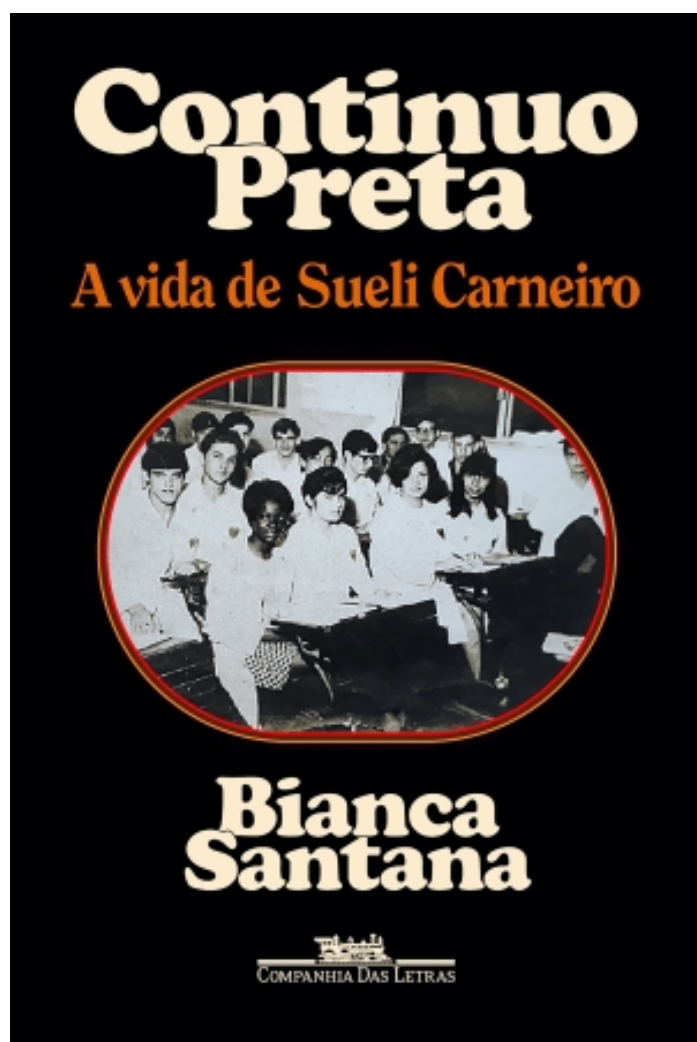
112 páginas

[Compre agora e leia](#)

No romance de estreia do autor de *O coronel e o lobisomem*, um sobrinho narra a vida e as contradições do tio com quem morou quando era adolescente, numa fazenda do interior do Rio de Janeiro.

Publicado pela primeira vez em 1939, *Olha para o céu, Frederico!* marca a estreia literária de José Cândido de Carvalho, autor do célebre *O coronel e o lobisomem*. O narrador da trama é Eduardo de Sá Meneses, que, após discordar de um artigo elogioso sobre seu tio Frederico, decide recontar a experiência de ter vivido com ele na adolescência. Ambientado no interior do Rio de Janeiro, entre plantações e usinas açucareiras, o romance carrega a linguagem autêntica que estaria presente em toda a produção do escritor carioca e que faria dele um dos nomes mais originais da literatura brasileira do século XX.

[Compre agora e leia](#)



Continuo preta

Santana, Bianca

9786557821831

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das maiores intelectuais públicas do Brasil, referência histórica do movimento negro, biografada por uma das mais promissoras vozes da nova geração.

Sueli Carneiro é uma das principais intelectuais públicas brasileiras. Em mais de quarenta anos de ativismo, ela vem combinando escrita, academia e intelectualidade para qualificar uma luta política que enegreceu o feminismo no Brasil e, ao mesmo tempo, colocou as mulheres como protagonistas do movimento negro.

"Entre a esquerda e a direita, sei que continuo preta". Mais do que célebre, a tirada proferida por Sueli Carneiro sintetiza um lugar político fundamental para o movimento negro brasileiro. E sua vida oferece o desenho exemplar dessa posição.

Para dar conta de uma longa trajetória política, que se confunde com a própria história do Brasil pós-redemocratização, a jornalista Bianca Santana realizou dezenas de horas de entrevistas e empreendeu uma escavação documental cuidadosa nesta biografia que é, a um só tempo, tributo à caminhada de Sueli Carneiro, repositório de informação sobre a luta das mulheres negras no Brasil e, por tudo isso, preciosa fonte de inspiração para as futuras gerações.

[Compre agora e leia](#)



O amanhã não está à venda

Krenak, Ailton
9788554517328
12 páginas

[Compre agora e leia](#)

As reflexões de um de nossos maiores pensadores indígenas sobre a pandemia que parou o mundo.

Há vários séculos que os povos indígenas do Brasil enfrentam bravamente ameaças que podem levá-los à aniquilação total e, diante de condições extremamente adversas, reinventam seu cotidiano e suas comunidades. Quando a pandemia da Covid-19 obriga o mundo a reconsiderar seu estilo de vida, o pensamento de Ailton Krenak emerge com lucidez e pertinência ainda mais impactantes.

Em páginas de impressionante força e beleza, Krenak questiona a ideia de "volta à normalidade", uma "normalidade" em que a humanidade quer se divorciar da natureza, devastar o planeta e cavar um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedades. Depois da terrível experiência pela qual o mundo está passando, será preciso trabalhar para que haja mudanças profundas e significativas no modo como vivemos.

"Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromisso, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado [...]. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã."

[Compre agora e leia](#)



Lina Bo Bardi

Lima, Zeuler R.
9786557821992
456 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fruto de vinte anos de pesquisa, esta é a biografia definitiva da icônica arquiteta — um ofício até hoje dominado pelos homens — responsável por alguns dos principais marcos da construção no Brasil.

Lina Bo Bardi foi uma mulher corajosa e perspicaz, e seu legado como arquiteta e intelectual pública é notável. Em 2021 foi homenageada com o Leão de Ouro Especial da Bienal de Veneza, mas sua odisseia pessoal é relativamente pouco conhecida. Lina, que nasceu em Roma em 1914 e faleceu em São Paulo em 1992, passou a vida em trânsito, navegando pelas contingências de gênero, geografia, história, política e diferentes visões de mundo. Lutou por sua independência e por reconhecimento pessoal, enquanto se debatia com a solidão de viver na alteridade das convenções sociais e intelectuais da época e dos lugares que ocupou.

Esta biografia é resultado de vinte anos de pesquisa de Zeuler R. Lima e traz um olhar inédito e sensível sobre a vida e a personalidade dessa mulher fascinante, com uma narrativa saborosa e uma série de fotografias e desenhos da arquiteta.

[Compre agora e leia](#)



Sejam todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejam todos feministas*, ensaio da premiada autora de

Americanah e Meio sol amarelo.

"A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente."

Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens".

Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1](#)

[Raimundo](#)

[Cícero](#)

[Carta](#)

[Nuas](#)

[Te ensino](#)

[Parede](#)

[Marcinha](#)

[Cruz](#)

[Folgo impotente](#)

[2](#)

[Dalberto](#)

[Caminho](#)

[Damião](#)

[3](#)

[Poente](#)

[Imundo](#)

[Suzzanný](#)

[Chuva](#)

[Caetana](#)

[Estrada](#)

[Creide e Alex](#)

[Pedra](#)

[Mourão de cerca](#)

[Beco](#)

[Costela](#)

[Casa](#)

[4](#)

[Rio](#)

[Lamparina](#)

[Sombras](#)

[Deserto](#)

[Nome](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)